JORNADA RUMO AO SOL

Arte de Capa
Jorge Xerxes

Jorge Xerxes

JORNADA RUMO AO SOL

SCOR
Editora
TECCI

Copyright© Alessandro Teixeira Neto

7667/1 – 500 – 132 – 2015

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do(s) Autor(es), proprietário(s) do Direito Autoral.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Xerxes, Jorge
Jornada rumo ao sol / Jorge Xerxes. --
São Paulo : Scortecci, 2015.

ISBN 978-85-366-4181-2

1. Literatura brasileira - Miscelânea
I. Título.

15-02972 CDD-869.98

Índices para catálogo sistemático:

1. Miscelânea : Literatura brasileira 869.98

Grupo Editorial Scortecci
Scortecci Editora
Caixa Postal 11481 – São Paulo – SP – CEP 05422-970
Telefone: (11) 3032-1179
www.scortecci.com.br
editora@scortecci.com.br
Livraria e Loja Virtual Asabeça
Telefone: (11) 3031-3956
www.asabeca.com.br

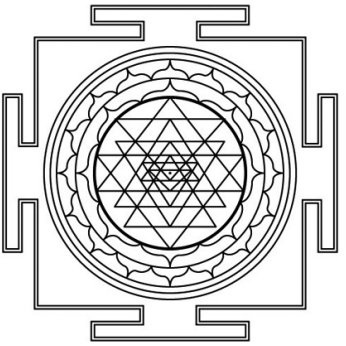












Mais coisas sobre nós mesmos nos ensina a terra que todos os livros.
Porque nos oferece resistência.
Ao se medir com um obstáculo o homem aprende a se conhecer;
para superá-lo, entretanto, ele precisa de ferramenta.
Uma plaina, uma charrua.
O camponês, em sua labuta, vai arrancando lentamente alguns segredos à natureza;
e a verdade que ele obtém é universal.
Assim o avião, ferramenta das linhas aéreas, envolve o homem em todos os velhos problemas.
Trago sempre nos olhos a imagem de minha primeira noite de vôo, na Argentina
– uma noite escura onde apenas cintilavam, como estrelas, pequenas luzes perdidas na planície.
Cada uma dessas luzes marcava, no oceano da escuridão, o milagre de uma consciência.
Sob aquele teto alguém lia, ou meditava, ou fazia confidências.
Naquela outra casa alguém sondava o espaço ou se consumia em cálculos sobre a nebulosa de Andrômeda.
Mais além seria, talvez, a hora do amor.
De longe em longe brilhavam esses fogos no campo, como que pedindo sustento.
Até os mais discretos: o do poeta, o do professor, o do carpinteiro.
Mas entre tantas estrelas vivas, tantos homens adormecidos…
É preciso a gente tentar se reunir.
É preciso a gente fazer um esforço para se comunicar com algumas dessas luzes que brilham, de longe em longe, ao longo da planura.

– Excerto da "Terra dos homens" de Saint-Exupéry

Nota do Autor

Por que Jornada Rumo ao Sol?

Segundo a mitologia grega Ícaro caiu no Mar Egeu quando a cera de suas asas se derreteu. Ícaro havia se descuidado em seu voo indo para próximo do Sol. Ele ignorara o aviso de seu pai, Dédalo, para que o evitasse. Quanto ao paradeiro de Ícaro há, entretanto, controvérsia. O rastro de cera deixado, indo até a fronteira da Terra, é um forte indício de que ele teria deixado o planeta.

Se Ícaro tivesse de fato voado rumo ao Sol – suposto ter vencido com suas asas a gravidade da Terra – como teria sido o seu fim?

O nosso Sol provavelmente deve tê-lo consumido sem dó nem piedade. Aquela antiga chama em combustão extrema teria transformado a massa de outrora – seja o corpo ou as suas asas – num produto mais sutil. A inspiração; para a elevação de ideias. O que realmente nutre a alma do homem. Fragmentos: imagens, lembranças, sonhos e outras sensações estéticas. Aquilo que denominamos poesia por pura impossibilidade de capturá-lo por inteiro.

Isso, estes nossos fragmentos, os blocos elementares que compõem o sujeito, são os veículos propostos neste livro. Para que você empreenda, montado no sutil, no etéreo, a sua própria Jornada Rumo ao Sol.

Jorge Xerxes, 15 de Dezembro de 2014

Fragmentos (resíduos de combustão)

Naquele outono de 1914 15
Azul 16
Convalescença 17
Deslizo em peixe 20
Caronas da Sedução 21
Junto aos serenos 31
Para a mãe do Araribóia 32
Louco anti-poema 36
System failure 37
A era dos desejos 39
Ubermensch 40
Prece ao Vento 43
De como eu aprendi a lavar minhas mãos 44
Ad aeternum 47
Espaço entre as palmas das mãos 48
Green glasses 49
Escaravelho expiando carmas 50
21-08-2014 55
Júpiter 56
Canção 63
Cinábrio 64
Viagem do corvo 66
Exor sismo 70
Jorge Francisco: uma singela homenagem 71
Atenção ao sublim(in)ar 75
Monstro Matemático 76
Da pressão dos dias 77
Um corpo na cama 80
Não há vagas 81
O velho inventariador 82
O problema dos robôs 84

Lua e Terra 85
Contato 86
Da arte-manha felino querubim 88
O.cul.osa 89
Botânica Poética 91
Iris 92
À semelhança das estrelas 93
Mau juízo 94
Ex-istir 95
Lapso da consciência 96
Minante 97
(h) hit das ideias 98
Da simbiose imperfeita 99
Borboleta azul 101
"Textículos", macadâmias e pêlos 102
Movimento 105
Sob o mesmo céu 106
Ideação mental do símbolo 107
Os extraterrestres 109
Nas trilhas da Mantiqueira 110
Levitate 111
Palavras órfãs de poesia: o que restou 118
Noite 119
sex in a drive thru 121
Tom Balladino 122
f3 125
Veículo sorridente para além-vida 126
À flor da pele 127



Naquele outono de 1914

Creio que o estopim para o meu devaneio foi a elevação da taxa de oxigênio (ao menos para os meus padrões) naquelas noites do outono de 1914. A máquina do sono, assim a denominei. Um caso de amor a primeira vista, não podia mais repousar sem ela, qual boneca inflável para abraçá-la de bruços e, depois do sexo, adormecermos juntos em conchinha. E quando tomei o táxi, em Niterói, o senhorzinho negro e delgado, aparentando seus oitenta e tantos anos, me disse que o ser humano estava melhorando, a cidade "cada dia tão mais bonita" que não se importava de trabalhar mesmo depois de aposentado do emprego público, ao contrário, era um prazer conversar com os fregueses enquanto dirigia através de veredas naqueles tempos ídos. Invejei-o pelo seu anel prateado de São Jorge. Invejei-o a ponto de tomar a barca, seguir para o outro lado da baia, vagar a esmo e casmurro pelo centro do Rio de Janeiro na busca doutro amuleto daquele, porque eu acreditava emanar dele o elixir para a felicidade. O elixir para a felicidade é o que eu buscava naquele outono de 1914. E o leão do imposto de renda já não me botava medo. Sentia-me senhor de meu próprio terreno. Nem a morte daquele chão me subtrairia, senão para sete palmos debaixo dele (macio e aquecido ventre). Então, não obstante ao imóvel, declarei o jardim, o orvalho e ainda, por via das dúvidas, a nuvem da qual ele se desprendia, se a manhã era fria. Tão somente por via de todas as dúvidas, mas de todas as dúvidas do mundo, foi que eu declarei as flores. E as flores eu as declarei em alto e bom som. É de se imaginar que eu havia aposentado de velho todos os medicamentos para os meus miolos quando me lancei à singular empreitada de vigorosas caminhadas noturnas. Devo confessar que passado tanto tempo, e apesar de tudo, de nada disso me arrependo. Mesmo tendo atrasado meu relógio exatamente cem anos, o século mais intenso eu vivi naquele singular outono de 1914.

Azul

os olhos sobrancelhas
da alma retina
os verdes mares de tua íris
a sorrirem-me e cílios
é beijo se colam aos meus
lábios somos mistério
a perscrutar do outro o céu
noturno azul intenso

Convalescença

Despertei com o estranhamento súbito de enxergar as auras. Algum efeito causado pela alteração visual do meu olho direito. Eventual flash de uma luz púrpura que envolvia os objetos e, principalmente, as pessoas.

Quando minha mãe morreu, deixou como herança a tristeza infinita de sua ausência. A nossa casa não era a mesma sem ela; meu pai, meu irmão e eu pusemo-nos num patamar distinto de comunicação, pautado em silêncios. A inexistência do som parecia-nos então natural ou, ao menos, a única condição viável. O ruído mínimo, ocasional, do choque metálico de um simples talher com o prato de porcelana desencadeava uma súbita desordem das ideias, que se desdobrava em insustentável troca de olhares de repreensão. Os olhares, sempre eles, a expressarem alguma coisa que, de tão grave, não cabia nas palavras.

Depois que ela partiu, o corpo de uma menina apareceu na parede da sala, dependurado no prego onde havia, até então, o quadro de um palhaço. A garota, aparentando pouco menos de dez anos de idade, vestia-se de roupas antiquadas, como aquelas da segunda metade do século passado. Ela tinha longo cabelo liso e negro, a pele pálida, e acompanhava o nosso vagar com aqueles seus olhos avermelhados e úmidos. Parecia chorar em silêncio. Passou dias ali, pregada naquela parede. Não pronunciava uma palavra sequer. Era esse o fato inusitado que agravava significativamente a estranheza daqueles dias.

Fato é que meu pai e meu irmão faziam vistas grossas à menina. Eu a via, mas por causa da alteração em meu olho direito, nada mencionei a respeito. Percebi que meu pai e meu irmão evitavam sequer fitar aquela parede. É bem possível que eles também a vissem. Pode ser que também sofressem

de algum dano visual decorrente do trauma e, pelo mesmo motivo meu, evitassem tocar no assunto. Nunca saberei nada além do que descrevo nesse breve relato, porque a condição de luto estabelecida preconizava o mais absoluto silêncio.

Àqueles dias, saí poucas vezes de casa. O sol ofuscava a minha visão, chegava a ficar sem energias; é verdade que eu não vinha me alimentando bem. Algumas pessoas eu via rodeadas por imensa aura púrpura, com os raios de luz emanando do coração em linhas concêntricas que se tornavam difusas proporcionalmente a distância desse órgão, sabidamente pulsante e vital. Outras criaturas já não tinham essa característica: a extremidade de seus corpos era simplesmente delimitada pela superfície das suas carnes, sem qualquer alteração na luminosidade. Curiosamente os "luminescentes" caminhavam espaçados mesmo em meio à multidão, permitindo o trânsito livre de suas luzes. Os demais se permitiam uma maior aproximação. Isso me deixava ainda mais intrigado. Mas não cheguei a desenvolver especulação ou experimentos nesse sentido. Como adiantei, minha própria fragilidade impunha limites ao raciocínio, e me limito a descrever aqui essas percepções e imagens com a clareza e a isenção possíveis.

Eu estava só no quarto com minha mãe quando, em seus estertores, ela pronunciou a sua frase derradeira: Eu voltarei para vê-los. Essa fala, inesperada, causou a sensação de súbita compressão dos meus pulmões, concomitante a uma corrente atravessando minha espinha ao desvanecer de sua vida. Tenho de confessar que, desde aquele instante, o ar me tem sido escasso. Apesar disso, não abandonei o meu hábito de fumar.

Não me considero sensível ou supersticioso, visto que não chorei em seu velório ou durante o enterro; assim como aconteceu com o meu pai e o meu irmão. Apenas – e aos

poucos – aquele mutismo foi-se instalando em nossas vidas. Especialmente após retornarmos para casa.

Contavam quatro dias quando, pela manhã, encontramos minha mãe sentada ao sofá da sala, vestida de branco, onde costumava ficar com o gato em seu colo. Na parede, às suas costas, a menina pregada; os olhos ainda mais vermelhos e úmidos que de costume.

Ela nos disse que não estava gostando nada daquilo, daquela sua nova função e levou-nos para um passeio noutra residência onde, à semelhança da garota, era ela quem estava pregada à parede da casa, a velar pelos sombrios moradores. E então estava claro para nós três, do mundo dos vivos, que compartilhávamos daquilo tudo quanto não ousávamos conversar a respeito: a menina pregada, as visões e as sensações funestas.

Mas quanto ao que minha mãe alentava, em nada podíamos minorar o seu fardo, senão aquiescermos à presença da garota em nossas vidas – para todo o sempre.

Despertei encharcado em suor. O súbito estranhamento de enxergar as auras. Minha cabeça latejava de dor. Algum efeito causado pela alteração visual do meu olho direito. Senti-me, porém, infinitamente aliviado. O meu pai me acompanhou ao oftalmologista. Foi este quem diagnosticou o descolamento da retina. Não poderei escrever por uns dias. Mas, enquanto eu dito, minha mãe digita ao computador.

Deslizo em peixe

A sua imagem mais pura
a sua pele descoberta
escorre pela minha retina
invade a minha alma de um só contentamento
é ficção nuclear nos neurônios
tua alva beleza nua
não há barcos
o mar revolto
e mesmo assim eu navego
para você com todas as minhas forças
dentro do teu corpo escorrego
deslizo em peixe
quero te mostrar num estalo
que te despenteia
que te deixa maluca
insana, puta
a sua mais alta estrela
elevada ao céu do teu gozo
escorre sobre a curva
do sorriso em meus lábios
mas não derruba
o(h) meu amor

Caronas da Sedução

– a gênese de um mito

"Eu não sei fazer poesia
Mas que se foda
Eu odeio gente chique
Eu não uso sapato
Mas que se foda", Charlie Brown Jr.

Sabe-se que um dos prazeres da vida é desfrutar da companhia de uma bela mulher, porém mentes a margem do que a sociedade classifica como normal praticam atos incomuns ou até mesmo bizarros, por assim dizer. O que leva o ser humano a burlar regras gerais de convivência em uma sociedade civilizada? Angústia? Ânsia pelo poder e o controle das coisas? Puro fetiche?

É difícil entender a mente de qualquer ser humano, ainda mais quando estes fogem do padrão!

Novembro de 2008, numa tarde chuvosa, muito trabalho para os funcionários do Hospital das Clínicas, Roberto de Sá, um jovem calmo e quieto, dá entrada no PS para tratar de um corte em seu antebraço esquerdo, questionado da origem do tal ferimento Roberto responde apenas que escorregou com a chuva e feriu seu antebraço em um caco de vidro a beira do calçamento.

Daniele Annie Abbott, enfermeira 25 anos de idade, solteira, uma bela jovem de cabelos longos e ruivos é a responsável pelo curativo e medicamentos de Roberto, encantado com a moça, o jovem de poucas palavras pergunta:

– Oi, você sabia que eu respondo as NF's no meu trabalho?

A bela jovem sem entender do que se trata gentilmente lhe responde:

– Toma seu remédio e não me perturbe com esta conversa fiada.

Roberto sente naquela moça uma mulher de personalidade forte, uma dominadora, mas outra coisa ainda lhe chama mais a atenção, o uniforme de enfermeira.

A partir deste dia Roberto não se deu por vencido, semanalmente fingia supostamente estar doente simplesmente para dar entrada no PS em busca de Daniele. Meses se passaram e a jovem, não se sabe se por pena ou atração, começou a tratar Roberto com mais delicadeza.

Durante semanas Roberto descompromissadamente oferecia caronas para Daniele, alegava que não tinha problema, pois o Hospital era no caminho entre sua casa e o trabalho, porém, a grande verdade é que Roberto morava na cidade vizinha e sequer tinha trabalho.

Por intermédio dessas "viagens", Roberto começou a criar um sentimento; uma anomalia amorosa que resultava num simples pingar de suas mãos.

Tão rápido quanto o surgimento do amor do mocinho, Daniele foi se afastando, pois não conseguia mais disfarçar seu constrangimento em ver aquele pobre rapaz de mãos suadas e sorriso torto olhando para o seu rosto sem uma simples palavra a ser dita.

Com medo de machucar ele ainda mais com falsas esperanças, pediu transferência dali, para onde ele jamais conseguiria achá-la…

Desesperado Roberto vaga pela região noites e dias a procura de Daniele, sem pistas, cansado, sujo, adormece sob a marquise de uma lanchonete; já é dia e o sol de verão frita seus miolos, eis que surge Hooly Hooper, uma mulata de cabelos cacheados, enfermeira voluntária que cuida de moradores de rua. Hooly convence Roberto a ir com ela até o abrigo São Judas para que tome um banho e coma algo.

Banho tomado, vestido da surrada e grossa camisa preta, Roberto se senta à mesa e toma oito pratos de sopa, não satisfeito pede para comer mais dois!

Enfraquecido e confuso, se persiste em sua busca por Daniele ou investe em sua ligeira atração por Hooly Hooper, Roberto pensa.

– Ainda não terminei com Daniele, preciso encontrá-la, e algo surpreendente acontece.

Ao mostrar uma foto de Daniele para Hooly Hooper ela confirma que a conhece vagamente, pois ela trabalha no turno da noite, porém está em missão de amparo aos jovens carentes em uma cidade vizinha e voltará apenas na próxima semana.

Fim de expediente, Holly pergunta ao jovem se ele tem pra onde ir, o mesmo lhe diz que seu carro está estacionado na Praça 11 e Hooly prontamente lhe oferece uma carona para o resgate do veículo.

Ao chegar na praça a noite cai, o clima romântico brota e ambos se entregam numa noite de amor em plena praça chegando ao ponto de pararem na delegacia por atentado violento ao pudor.

Confusão resolvida, ambos liberados, uma despedida calorosa, eis que um investigador pergunta a Roberto se não se conhecem de algum lugar, meio assustado desconversa e rapidamente deixa o local.

Três dias se passaram e Daniele, em sua labuta na cidade de Roberto, dentro de uma drogaria ela se depara com um retrato falado cujas características lembram seu ex-amigo, indignada ela pergunta ao balconista:

– Quem é este jovem?

– Este é o Beto Balada, um jovem com fixação por enfermeiras, em uma de suas últimas tentativas a vítima conseguiu escapar após entrar em via de fato e desferir-lhe um

golpe de canivete em seu braço esquerdo. A polícia está à procura do rapaz, mas ninguém sabe nada na cidade.

– Mas porque Balada?

– Era um jovem extrovertido sempre esbanjando dinheiro nas noitadas e ao que tudo parece, pelos relatos desta enfermeira, Balada pode ser o serial killer que vem atacando as enfermeiras da região.

Chocada com tudo o que ouvira, Daniele entra em pânico, mas ainda não entende o comportamento tão diferente entre aquele descrito pelo balconista e o rapaz que conheceu. Mesmo intrigada, Daniele tenta se convencer que tudo não passou de uma simples coincidência, pois ambos apresentavam um comportamento muito distinto.

Mais alguns dias se passaram, são oito horas da noite e é hora do sopão no abrigo São Judas. A fila se forma, Daniele serve os famintos, eis que uma voz suave sussurra em seu ouvido.

– Oi Dani, lembra de mim? Estou há meses te procurando, você sumiu.

Em um átimo toda a história desde o dia em que se conheceram no hospital (Roberto com o antebraço cortado: "… eu respondo as NF's…") passa pela sua cabeça e, antes que pudesse ter uma reação intempestiva, um espasmo involuntário percorre o seu ventre, os bicos rosáceos dos seus seios ficam entumecidos, projetados para frente, os grandes lábios se tornam escorregadios, separando-lhe as partes. E Daniele diz para ele, quase num sussurro:

– Eu largo às 23h, me espera lá fora, hoje você vai comer muito mais do que canja de galinha.

Roberto pega o prato fundo de sopa que a jovem lhe oferece, faz um breve aceno com a cabeça em consentimento e senta-se numa das longas mesas de madeira junto aos moradores de rua. Por dentro ele está radiante de emoção, certo de que vai se fartar com a carne nova e suculenta da enfermeira. Ele a fita do seu canto. Daniele está linda em sua calça e blusa

completamente brancas: os seios firmes e bem torneados, a bunda firme, arrebitada, enchendo todo o traseiro da calça, os longos cabelos ruivos e suas bochechas levemente rubras – talvez devido ao inusitado do encontro – faz com que seu semblante pareça iluminado de luz, repleto de vida.

"O que será que deu em mim? Esse Roberto pode ser mesmo perigoso. Mas isso não condiz com as suas atitudes, ele é muito tímido, já percebi suas mãos suando quando ele esboça o simples desejo de se expressar. O que será que ele queria tanto me dizer ao longo de todas aquelas semanas? Será que iria confessar algum crime? Não deve ser nada disso, aquilo me parecia amor platônico! E quem ama não é capaz de fazer mal ao seu amor. Ah, Roberto… saudades tuas, menino!"

Enquanto as horas correm noite adentro, vários outros moradores de rua passam pelo sopão do São Judas. Eles entram e saem do barracão, alguns sozinhos, outros em pequenos grupos. Apenas Roberto permanece. Ele já havia tomado cinco pratos de sopa pelas contas de Daniele. Ela tinha sentimentos antagônicos, era como se houvessem duas Danis dentro dela mesma: uma queria fugir pela porta dos fundos às 23h em ponto, ou ainda melhor, chamar a polícia. A outra Dani queria devorar Roberto, se entregar para ele como nunca, lamber os seus dedos suados, perscrutar os segredos mais íntimos de sua timidez. Era o mecanismo voraz, instintivo, de ataque e fuga, típico dos animais, que oscilava nela, fazendo com que as horas se passassem sem que nehuma definição fosse tomada.

Aquela noite passou voando no abrigo do São Judas. Quando Daniele se apercebeu, havia apenas três moradores de rua tomando canja numa mesa e Roberto estava noutra, assistindo televisão. Ela olhou para aquele corpo magro, camisa social preta colada ao seu corpo, um braço mais anabolizado que o outro. "Ele não me parece um morador de rua. Será que ele responde mesmo NF's ou é jogador de tênis? O que será que ele faz aqui?" Em meio aos seus pensamentos Dani observa Roberto se levantar da mesa, ele deixa a bandeja sobre

a pia, olha discretamente para ela e faz um sinal tímido com a cabeça. Ela sabe que ele estará a esperando lá fora.

Dani olha para o relógio, 22h45min, seu coração dispara, sentimentos como o medo, a angústia e a excitação tomam a sua cabeça. Enquanto isso, Roberto se esconde por detrás de uma moita e observa Dani atentamente pela fresta de uma janela enquanto se masturba ferozmente com a sua mão esquerda e suada – aquela do braço anabolizado.

Chegou à hora, o sinal toca, é a troca de turno, dez minutos se passam. Roberto está apreensivo com a demora de Dani, pensa em adentrar o recinto novamente quando Dani aparece exuberante na porta, num vestido azul com um belo decote, pernas lisas a mostra.

Eis que um sentimento de fúria toma conta de Roberto atormentado com a presença de Daniele. Ele sente o seu perfume, o rapaz só pensa em levá-la para longe o mais rápido possível, toda aquela ternura é convertida nos sentimentos mais perversos que se pode imaginar. Embora Daniele estivesse linda, para Roberto o encanto da enfeimeira que conheceu foi embora, pois em sua mente perturbada o branco é a representação do estado de pureza e Dani, ao deixar suas vestes de trabalho, passara a ser vista como uma mulher maculada pelo pecado.

Já dentro do carro Daniele pergunta a Roberto para onde pretende levá-la, apreensivo ele lhe diz que será uma experiência inesquecível, porém precisa passar em um lugar no caminho para acertar alguns pequenos detalhes.

Roberto pára o carro, segue a pé por alguns metros e adentra o "mão amiga" dez minutos após, já aliviado, coloca a mão no bolso e saca uma cartela de comprimidos. Roberto toma de uma só vez oito comprimidos de Viagra.

Ao retornar ao carro cobre Daniele de carícias, beijos e abraços. Neste momento uma jovem que atravessava a rua reconhece o rapaz. Ela é Carla Perez, a enfermeira que escapara de Roberto no seu último ataque, a mesma que o feriu com um canivete no antebraço esquerdo.

Carla Perez fica trêmula, mas mesmo cheia de medo, quase em pânico, decide seguí-los. Carla sobe em sua Yamaha Jog 50cc e acompanha o casal.

Roberto percebe que está sendo seguido, um sentimento misto de medo e fúria toma conta de si, as mãos trêmulas ao volante começam a gotejar, sua camisa apertada agora está empapada com seu suor fétido e adocicado. E mesmo após dezoito punhetas, incrivelmente seu enorme pênis de 5cm ameaça rasgar as calças de tergal apertadas.

O semáforo muda para o vermelho, Roberto olha para o lado esquerdo e se vê lado a lado com Carla Perez. Ela desvia o seu olhar para os seios fartos de Daniele e começa a conversar com a garota. Roberto suspira aliviado, percebe que as duas já se conhecem de outros carnavais e pressente um leve clima de romance no ar. Daniele segura aquele enorme martelo de cabeça vermelha, mostra para Carla que fica surpresa e esboça um leve sorriso de satisfação.

O sinal abre, Roberto olha para Carla em sua motoneta e diz:

– Paradise Motel?

Arranca com o carro e Roberto olha pelo retrovisor. Ela estava os seguindo, para o supremo gozo do jovem de Sá. No caminho, Daniele aproveita e cai de boca naquele martelo suado: o nervo malhado pelas mãos calejadas do mono-bíceps.

Chegando ao Paradise, Roberto pára na portaria e pede logo o "corredor da morte" com direito a pizza de calabresa e tubaína 2 litros.

O trio entra na suíte, luz baixa, ambiente cheirando a sexo e o colchão ainda com manchas úmidas da última transa. E é neste momento que Carla diz para Roberto:

– Relaxa Roberto, eu e Daniele vamos tomar um banho!

Roberto ao mesmo tempo se mostra excitado e intrigado. "Será que ela não me reconheceu", ele pensa. Pela fresta da porta ele espia o banho onde as belas se acariciam, uma ensaboando a outra, elas se abraçam e se beijam ardentemente debaixo

do chuveiro. É uma cena e tanto. Roberto só imagina o momento seguinte em que poderá desfrutar das duas sobremesas com a sua tora sarada do comprimento de uma colher de chá.

Roberto bota seu bíceps para trabalhar novamente e, empolgado pela situação, não se dá conta que durante o banho Carla Perez conta sua terrível experiência com o rapaz e tenta convencer Daniele a arquitetar um plano de vingança.

– Carla, vamos deixar esse gaiato largado de tanto dar a boceta, depois a gente amarra ele na cama e chama a polícia.

Carla Perez concorda. Ambas estão muito excitadas e querem tirar proveito da situação. É sabido que no jogo da sedução reside pleno exercício de poder (do latim *phoder*), onde os atores lutam por subverter a separação do universo em opostos, buscam a fusão de seus corpos no gozo supremo. Elas se sentem como viúvas-negras, espécime conhecido por devorar o macho após a cópula.

Roberto bota Dani deitada de costas na cama e manda Carla Perez aguardar sua vez. Dani se assusta, agora ele não parece em nada com o garoto tímido que tinha por amigo. Carla Perez diz que ela quer ir primeiro, mas Roberto faz o papel do big boss e responde truculento:

– Cala a boca e olha pra aprender como é que se mete!

Roberto vai subindo carinhosamente com sua língua pela parte interna das pernas alvas de Dani. Dando beijinhos aqui e ali, ele percebe a garota toda arrepiada e gemendo de tesão. Aquilo faz o seu martelo latejante vibrar como um diapasão. Finalmente ele chega ao ventre da garota, que está praticamente uivando, delirante de paixão.

Roberto levanta os olhos, ele vê alguns poucos pêlos pubianos, delicadamente aparados, ruivos, doces, encaracolados, como delicadas filigranas de ouro. Ele mete a língua naquela caverna, suga o suco do seu cálice, chupa o grelo e Dani se debate na cama, exultante num mesmo gozo que já dura quase quatro minutos.

– Vai Roberto, agora me enfia a sua tora!

Ele não tem dúvidas e enche a caverna adornada de ouro de Dani com sua pica-martelo-sarada de uma só vez. Roberto imaginava que a garota fosse chorar com todo aquele volume a preenchendo numa tacada só. Mas que nada, para sua surpresa, Dani grita, ainda em meio ao gozo:

– Agora, põe toda a sua vara!

– Eu já enfiei tudo, Dani.

Carla Perez cai numa gargalhada só. Aquilo parece demais para de Sá. Ele se sente oprimido pela voracidade e gula das garotas. Isso desencadeia estranhas reações e sinapses nervosas em seu corpo já saturado por: cinco pratos de canja, oito comprimidos de Viagra, três pedaços de pizza calabresa e dois copos de tubaína. Carla Perez liga o rádio do motel justamente quando está tocando:

– *Don't wanna short dick man, dick-dick, don't wanna short dick man!*

A careca de Roberto fica vermelha e ele completamente ensandecido, não gosta de ver a sua autoridade de chefe das NF's usurpada por duas ninfetas cuidadoras de enfermos. Ele diz para a jovem Daniele:

– Tá pouco pra você? Quer sentir o poder do meu fist mono-bíceps na sua gruta dourada?

– Manda ver!

Responde Dani, toda ensopada de prazer em espamos frenéticos assíncronos com o ritmo bate-estaca do martelo e da música.

Roberto enfia o seu punho esquerdo na caverna úmida de Dani e a intensidade do seu gozo aumenta ainda mais. Ele avança lentamente e vai botando até a metade do antebraço. A garota grita num misto de prazer e dor. Ela já está num mesmo gozo há quase oito minutos!

Então de Sá submete-a aos píncaros do prazer, quando comprime sua mão esquerda e a rotaciona 90 graus para fora, fazendo inchar o seu mono-bíceps, praticamente empalando

Dani. Finalmente, ela sucumbe de sua voracidade de fêmea no cio e desaba desacordada.

"Dani morreu porque tinha os olhos maiores que a boca. Quis comer picanha demais de uma só vez." Carla Perez finalmente compreende que Roberto é boa pessoa e não o lobo mau que imaginava. "Afinal, tudo que ele quer é nos dar prazer."

Mas a essa altura Carla Perez já havia passado a chapa do Gol para a polícia e as coordenadas do Paradise Inferninho, em poucos minutos certamente eles estariam chegando e dando voz de prisão ao garanhão do martelo colher-de-chá. Ela lhe disse:

– Roberto, sobe na garupa da minha cinquentinha, rápido!

Roberto, que havia entendido mal o pedido da garota, cravou sua vara de pescar girino bem no meio do traseiro suculento de Carla Perez. Ela gemia de prazer. Carla Perez remexia a colher de chá bem lá dentro do seu cofrinho, arrepiava da cabeça aos pés toda a vez que o valente de Sá dava com as costas da mão no seu lombo apetitoso. Ficaram engatados assim por uns três minutos, na mesma cama ao lado da finada Daniele.

Então Carla Perez caiu em si e disse para Roberto:

– Eu vou te ajudar a fugir, vem comigo!

Eles abandonaram o gol no motel com a bateria arriada e o corpo da Dani largado sobre a cama, regado por litros de esperma. Quando a polícia chegou teve certeza que Beto Balada tinha feito mais uma de suas vítimas em um ritual macabro.

Carla Perez deixou de Sá no acostamento da Dutra, próximo a uma saída para Jacareí. Ela disse para o Balada:

– Tá vendo essa avenida? Tem um monte de empresas. Entra numa delas e finge que está trabalhando. Mas finge direito, senão a polícia te pega. Eu apareço de motinho pra te dar um chá de chavasca na saída.

Reza a lenda que desde então Roberto de Sá transmutou-se em funcionário exemplar. Há quem diga que na capa do seu caderno está escrito Anotações de NF's, mas se colocado de cabeça para baixo contra o espelho do banheiro é possível ler em letras monotype corsiva: *Caronas da Sedução.*

Junto aos serenos

Eu vi a menina com estranha bota,
levava numa das mãos espécie rara de flor,
que trazia cuidadosa, junto ao peito.
As cores de suas pétalas, do carpelo, estames,
até mesmo de suas sépalas eram vívidas, vibrantes.
Aquela menina era linda e não interessam,
em absoluto, as cores.
Mas as suas botas de plástico:
elas traziam asas delgadas e translúcidas,
uma partia da superfície canhestra à altura do
tornozelo daquele mesmo pé,
outra deixava o plástico direito lá pelo maléolo do outro calçado.
Ah, eu amava aquela menina!
Com a mesma intensidade do meu amor pela vida.
Então eu vi:
um carrapato em cada uma daquelas asas alvas e
longas das botas estranhas.
Eles eram ogros vistos assim: de perto.
Ao longe, entretanto,
não nos incomodavam.
Quando nos apercebemos,
sambávamos a um palpite infeliz de Noel,
e eles cravaram as suas esporas naquelas asas.
Subimos às alturas desconcertantes.
As pétalas
– já disse que não interessam as cores –
despedaçavam da flor deixando um rastro efêmero na trajetória do céu,
podia ser visto se alguém estivesse a perscrutar a noite.
E cheguei a pensar em devaneio meu,
não fosse pousarmos leves, úmidos,
junto aos serenos,
quando o dia amanheceu.

Para a mãe do Araribóia

"Respeito muito minhas lágrimas
Mas ainda mais minha risada
Inscrevo assim minhas palavras
Na voz de uma mulher sagrada"
– Caetano Veloso

Eu trabalho num prédio de escritórios na cidade do Rio de Janeiro e resido em meu apartamento no centro de Niterói. Quando me mudei de São Carlos, interior de São Paulo, para cá, em meados do ano passado, eu tinha em mente residir no aterro do Flamengo ou em Botafogo, visto que o escritório fica no centro do Rio e prezo pela qualidade de vida. Como um cara típico do interior, sou um tanto avesso às multidões, à agitação e, principalmente, aos longos engarrafamentos. Mas com o valor imobiliário nas alturas, decidi por me estabelecer no centro de Niterói.

A minha rotina é pacata. Alguns dias o meu comportamento pode ser classificado mesmo como excessivamente metódico e previsível – coisa de engenheiro: Levanto às 6h15 da manhã, higiene pessoal, desjejum frugal, caminhada de quinze minutos do apartamento até o terminal hidroviário de Niterói. Daí vem a parte chata: Ficar imerso e diluído à multidão espremida entre a catraca de entrada do terminal e as grades que levam para o corredor de acesso ao píer flutuante. Depois estas grades se abrem; então mil e trezentas pessoas avançam apressadas para o corredor com uma estrutura metálica de cobertura. As grades se fecham atrás e a multidão, comprimida entre as grades e o píer flutuante, fica aguardando a chegada da barca. Diga-se, de passagem, que estes dois estágios de confinamento me trazem a lembrança os campos de concentração ou o filme Pink Floyd The Wall, do diretor Alan Parker, 1982; um ou outro, dependendo do dia.

A travessia da Baia da Guanabara na barca, por outro lado, é reconfortante; muita vez o ponto alto do dia. Navegar pelas águas mansas da baia ao embalo suave das ondas; o cheiro do mar; a coreografia aérea dos biguás a flanar com suas asas longas, esbeltas e o peito aberto ao vento. Se o céu está limpo, a vista das encostas do Rio de Janeiro é digna dos mais belos cartões postais. Você envolto naquilo tudo. Isso dá paz. E, se o céu não é de brigadeiro, aproveito para desfrutar de uma boa leitura. Vinte minutos de paz.

Depois mais oito minutos de caminhada e estou no escritório, pontualmente às oito da manhã. Trabalho duro até meio-dia; uma hora de almoço; mais cálculos, mais relatórios, mais reuniões e, enfim, 17h30. Ponto. Então todo o trajeto em ordem reversa; e isso me lembra The Curious Case of Benjamin Button, do David Fincher, 2008. À noite, como não tenho tv no apartamento e moro só (por sorte, ou já teria acumulado uma prole vasta), a opção é me divertir com a música e minhas leituras. A música, ela está sempre presente. 22h22 dou com a mão no interruptor. Tédio com um tê bem grande pra você!

Entretanto, no dia 26 de Fevereiro de 2013, uma terça-feira, alguma coisa fugiu ao meu controle: A barca estava próxima de Niterói quando finalizei a leitura de um capítulo, botei o livro na mochila, olhei pela janela e percebi o céu escuro; São Pedro com intenções de se divertir a beça no playground. Quando a barca atracou, chovia forte e relampejava. Tempestade de responsa. A maioria das pessoas não queria sair da barca, que é fechada. Eu me encontrava próximo a uma das portas de acesso e concordava com a maioria; não queria tomar aquela ducha nem a pau, estava muito bem ali, obrigado. Acontece que uma boa parte daquelas mil e trezentas pessoas não se importava com o aguaceiro ou tinha compromisso importante e queria sair. Então começou a confusão e o empurra-empurra. Eu tive de vencer os quinze metros de rampa descoberta que ligam o píer flutuante ao corredor com

cobertura metálica. Isso bastou para que eu ficasse completamente encharcado. Era impressionante o volume de água que despencava do céu e, de quebra, ventava mu-i-to.

Permaneci no centro do corredor com estrutura metálica de cobertura. Eu estava ensopado, mesmo assim não estava com a mínima vontade de vencer os dez ou quinze metros a céu aberto que me separavam do prédio principal do terminal hidroviário de Araribóia. Xinguei mentalmente a mãe do índio materializado naquela estátua ridícula de bronze, mas Araribóia estava pouco se lixando para o aguaceiro que caia; ele permanecia imóvel, os braços cruzados e o queixo levemente empinado. E eu xinguei mentalmente a mãe do índio de novo; confesso que isso me trouxe algum alento. Minha estratégia era a de permanecer bem no meio do corredor coberto; assim o calor humano da multidão me protegeria e eu não receberia diretamente as rajadas de vento e chuva geladas que atingiam os que estavam nos contornos do corredor. Essas pessoas estavam se molhando muito, reclamavam e provocavam certo tumulto; ainda assim, o meu plano ia bem, eu me mantinha firme e no centro do corredor coberto, graças a minha estatura avantajada e o corpo com sobrepeso.

Pimenta nos olhos dos outros é refresco, é o que deve ter pensado São Pedro. De repente, o telhado de cobertura foi arrancado da estrutura bem em cima das nossas cabeças. As imensas chapas metálicas pareciam simples folhas de papel flanando ao sabor do vento. O tumulto foi generalizado, alguns gritavam histéricos, outros corriam; eu me peguei paralisado em meio àquele caos, sem saber se corria para o prédio do terminal – assumindo o risco de ser decepado por uma daquelas lâminas metálicas voadoras – ou se permanecia estático naquele ponto – aguardando a estrutura metálica desabar sobre a minha cabeça. De súbito, senti-me reduzido à dimensão ínfima de uma formiga; então sofri uma descarga de adrenalina e me pus a correr em direção ao prédio do terminal. Estava são e salvo. Olhei ao meu redor: centenas de pessoas

em desespero, muitas delas chorando; o telhado da cobertura do corredor completamente devassado; todas as chapas metálicas foram arrancadas pela tempestade, algumas foram parar no estacionamento, muitas desabaram próximas, outras delas caíram no mar.

Foi então que me apercebi de um detalhe interessante: apesar do pânico, do caos, do absoluto descontrole daquela situação eu não via nenhuma pessoa ferida. Nenhuma daquelas dezenas de lâminas metálicas atingiu uma única criatura sequer dentre centenas de humanos!

Voltei para casa caminhando debaixo de chuva quando ela amainou; já estava todo molhado mesmo. Tomei um banho, comi alguma coisa. Ainda era cedo, mas eu sentia o meu corpo dolorido e estava exausto. Deitei na cama e fiquei em silêncio, refletindo. Na minha imaginação considerei aquilo um pequeno milagre. Não desses fenômenos sobrenaturais como separar os mares, andar sobre as águas ou multiplicar os pães. Algo sutil, como se a natureza tivesse o poder de operar movimentos precisos e harmoniosos além da capacidade de compreensão da mente lógica, racional, dum engenheirinho de bosta. E me lembrei do filme The Impossible, do diretor Juan Antonio Bayona, 2012, antes de adormecer.

"Derrama o leite bom na minha cara
E o leite mau na cara dos caretas"
– Caetano Veloso

Louco anti-poema

osrevni ameop o revercse arap
osirros-itna o ranigami ós é
etnem ahnim an azeleb aus
oienaved ohnos ocuol
sojieb-itna acob aus an
augníl ed

System failure

Meu amigo partiu. Diogo tinha adquirido o seu celular dual chip fazia duas semanas. Foi um acidente de percurso. Deu com a cabeça numa quina frágil do meio-fio. Pedra recoberta de liquens, até o concreto da cidade apreende a vida, ao seu tempo. Por engano ligou para o seu número, de um chip para outro, o celular explodiu. Assim ficou registrado na causa mortis. O impacto da cabeça contra a rigidez da via, esbagaçando em vermelho os seus miolos. Ao final do mês as contas de ambas as operadoras atestavam a ligação derradeira – contra si mesmo.

É triste saber das ideias que se encontravam antes aninhadas num mesmo fardo esparramarem-se amorfas. Dizem ser esta a matéria-prima que move as funerárias, os papa-defuntos, os traficantes de órgãos e os coveiros. Bom para eles. Sentirei falta de meu amigo Diogo.

Agora o resto é objeto de disputa entre anjos e demônios. Não é certo que tenha um ou outro direito sobre a sua alma por completo. Este é o senso comum, mas quanto a isso não existem provas irrefutáveis ou mesmo evidências científicas. E não sei de ninguém que tenha retornado do purgatório com respostas.

É consenso que Diogo não era bom nem mau e habitavam-lhe certas incongruências de caráter, como acontece com a toda a gente.

Penso se a questão não seria digna da instauração de uma CPI, mas rapidamente refuto a hipótese: Diogo era de natureza simples, ignara, praticamente um matuto transmudado à cidade.

Ele foi engolido pela terra. A travessa e o calçamento varridos pelas chuvas. Noutro dia o sol irrompeu o firmamento. E na manhã seguinte também.

Guardo comigo minhas cismas e achismos.

Resignado, aguardo minha vez

* * *

Caminho a margem de extenso muro, os tijolos expostos como células, colados na velha argamassa de cimento, recoberta de liquens, até ao concreto o tempo dá vida. Escura e úmida a bruma, seguem os mistérios junto a mim. A segurança de poucos passos, em desafio a pretensa razão, são sendas desse destino vacilante, circunscrito ao brilho de uma tênue lamparina, ermo ao vagar. As rajadas de vento figuram tormentas de meter medo e as sombras na parede aludem às bizarras criaturas; porém estas não passam de fantasmas a habitar minha mente. Nada disso me abate ou desanima por inteiro, meu São Jorge me proteja. Dos labirintos dessa vida, o fio da meada, ou a porta de saída, eu ainda acho um dia.

A era dos desejos

d3-54-c3-13-r4
ao tempo da planta
para sorver da sapiência verde
c10r0fi14
o inverso da queima da gasolina
minha máquina medida na ampulheta dos ciclos
da terra, do sol, dos mares
organismos em potência de semente
aguardo o instante da sombra
para o descanso
adormecer em sonho
despertar ereto em tua direção
este não é tempo de motores
4 c0mbu5740
essa é a era dos desejos
quero acariciar tua língua
sentir o gosto de saliva
no tempo escorregadio
d0 p3ix3
nadar em tua caverna
é ancestral esse meu devaneio
minha cara
m374d3
não tem graça
qu3r0-73 in73ir4
e ternamente

Ubermensch

Noite passada eu sonhei que era Você e decidi descrever a experiência.

A primeira imagem que me veio à mente foi a de um menino nu preso por um cadeado de bicicleta ao poste numa esquina qualquer do Rio. Calor, muito calor e humilhação. Depois, para refrescar, árvore à frente, a terceira vértebra quebrada numa descida rápida de esqui nos Jogos de Inverno em Sochi.

Se o sinal se fecha, é porque existe o cruzamento de vias a frente. Dualismo, observador e observado, sujeito e objeto. Quando o sinal ficou vermelho para mim? Quando o sinal ficou verde para Você? Será possível definirmos com precisão estes limites se nossos veículos têm velocidades diferentes? Isso vai dar merda; alguém bota a língua de fora. Relatividade. Saco o meu facão e corto o seu pescoço. Afinal, eu estou com a razão. Sua mulher chora; ouço-a entre soluços: "Discutir no trânsito não vale a pena". Como é louco o universo onírico. Outra quebra.

Descontinuidade. Ciência, tecnologia, economia de escala. Muita informação e pouco conteúdo. Eu tenho de me desdobrar cada vez mais para sustentar o mercado. Cartão de crédito, i-pad, fast food, x-box, rodo anel, tv de plasma e banda larga: tudo isso para a minha comodidade. Por mais que eu trabalhe, me esforce, ninguém explica os porquês ou pra onde é que estamos indo. Por quê?

Mais um fragmento. Os três poderes vergonhosamente a se digladiarem no horário nobre; uma espécie de big brother às avessas. Eu assisto em tempo real a um desfile de mazelas elevadas às altas esferas da aristocracia. Espalham luxúria, ira, orgulho e inveja por todos os lados.

Pausa para a reflexão. Para o meu alívio ainda posso tomar umas cervejas depois do trabalho. Neste sonho existe ainda a realidade ampliada, os jogos eletrônicos e os ambientes

virtuais. Eu posso ser outra pessoa – herói, vilão ou magnata. Três salves para Bill Gates, Steve Jobs e Mark Zuckerberg! Eles deram asas a minha absoluta incapacidade de imaginação. (Sonho dentro do sonho).

E foguete nas costas do cinegrafista é diversão. Preocupação com a minha segurança: o que será do Brasil se perder a copa? Por isso, créditos ilimitados à Fifa e amplos poderes ao Felipão.

Eu concordo com Você quanto ao desejo de potência de Nietzsche. Isso explica também a minha aspiração à Ubermensch. E este louco devaneio avaliza todo o espectro de possibilidades da conduta humana – para além do bem e do mal.

Mas eis que eu me deparo com o Fuhrer, que eu julgava morto. Ele aplaude qual Charles Chaplin, ovacionando as passadas velozes e saltos amplos de Jesse Owens. Quero crer que não estou sonhando, belisco o meu antebraço esquerdo com a mão direita. Sim, estou bem desperto!

Pergunto ao colega sentado do meu lado no estádio o que é que está se passando? Um Telê Santana sorridente me responde que é isso mesmo; a seleção de 82 é aquela dos sonhos, apesar da falta de um matador, pelo seu futebol arte desde que o sentido de sucesso fora expatriado ao âmbito transpessoal.

– Você não assistiu àquela entrevista do Jô com o cara magrelo, de bigode, narigudo, vestido somente de tanga e estranhos óculos de armação circular? Fiquei pasmo de que, com tantos recursos, eu andasse por aí tão desinformado. Além do mais, esse cara devia ser feio para caralho.

– Sim, foi ele quem difundiu esse sonho de persistência na verdade. Ele também denominava aquelas suas ideias de força do amor ou força da alma. O magrelo era convicto de que na busca pela verdade não era admitida a violência sobre o oponente, mas que este devia ser demovido do erro pela paciência e pela compaixão. Porque inicialmente aquilo que

parece ser a verdade para um pode parecer o erro para outro. E a paciência é um exercício de auto-depuração. Então essa conduta veio re-significar o clamor pela verdade através, não da imposição de depuração ao outro, mas a si mesmo.

– Você se lembra de quanto o Gordo gritava: "Bota ponta, Telê?" É mais ou menos isso.

Aquilo me soou familiar e esbocei um sorriso. À sensação de compreensão súbita sobreveio o desmoronamento do dualismo. Fusão do sujeito com o objeto, cessação da diferenciação entre acima e abaixo, uma confusão danada das ideias, por fim, o colapso da alma no corpo.

Despertei estupefato sem entender picas.

Noite passada eu sonhei que era Você, mas desisti de descrever a experiência.

Será que vamos nos entender um dia?

Prece ao Vento

A infalibilidade além dos meus domínios
Alguma coisa da decrepitude
O erro e a fraqueza humanos
Fosso onde hei de habitar
Por detrás do manto de sisudo esquecimento
Sem espaço para a dúvida irresoluta
As tentativas vãs
Ou o acaso fortuito
Desaparecerei sem restar sombra
Quando o sol se for
Na penumbra dos dias
Entre devaneios e sonhos bestas
Carregarei o vazio imenso
Este sim o meu legado
Livre e leve ao vagar
Rastejarei, caminharei, correrei
Andarei e arrastar-me-ei novamente
Por tão pouco
Sina de criatura amorfa
Semeadora de morte
Às valas de pretenso cultivo
Os órgãos despedaçados por ilusões tolas
Vento da manhã
Peço apenas que lance ao mar minhas cinzas
Esse devorador de intenções salobras
Sejam elas boas ou más
Que eu possa ao menos
Descansar em paz

De como eu aprendi a lavar minhas mãos

In chaos theory, the butterfly effect is the sensitive dependence on initial conditions in which a small change in one state of a deterministic nonlinear system can result in large differences in a later state. The name of the effect, coined by Edward Lorenz, is derived from the metaphorical example of the details of a hurricane (exact time of formation, exact path taken) being influenced by minor perturbations such as the flapping of the wings of a distant butterfly several weeks earlier.

O meu nome é Reinaldo. Eu sempre prezei pelo bom gosto e a sofisticação, mas isso sem exageros, tudo dentro de minhas possibilidades, sem que isso resvalasse nalguma obsessão, fetiche ou ostentação. Trabalhar de segunda a sexta numa fábrica é rotina pesada; quem faz, sabe. E dentre as pequenas recompensas às quais eu me permito, está o prazer de degustar um bom café.

Eu não sou nenhum expert no assunto, não sou barista, mas basta ter um pouco de tutano dentro dos miolos, alguma massa cinzenta na cachola, e ler algumas poucas revistas especializadas para saber que o melhor café do mundo é o Kopi Luwak.

Esse nome, Kopi Luwak, na língua indonésia, designa o Café Civeta. As civetas, essas criaturas admiráveis, são pequenos mamíferos, leves, arborícolas e da mesma família do gato-almiscarado.

Especialmente na Indonésia e nas Filipinas esse animal gracioso – a civeta – tem também por hábito se alimentar dos pequenos frutos que ele mesmo extrai, diretamente, dos pés de café. Os frutos são processados no estômago do animal. A fabulosa enzima da civeta não é capaz de digerir o grão do café; ela tem, porém, a propriedade de lhe prover uma espécie de tratamento superficial – que é o responsável pelo sabor menos ácido e amargo do Kopi Luwak com relação ao café

comum, imprimindo-lhe o toque característico de alquímica composição do chocolate com o suco de uva.

É evidente que o produto final desse processamento dos grãos pela civeta resulta numa espécie de chokito molengado (não podia ser diferente). Mas a natureza é sábia, existem homens de gênio e imaginação, verdadeiros visionários: um desses indonésios de estirpe descobriu que bastava passar com os chokitos na peneira através de um jato d'água para que restassem tão somente os grãos do café, prontos para serem torrados, moídos e vendidos pela bagatela de 2500 reais (ou vinte e cinco de nossas preciosas garoupas).

Eu me orgulho de já ter provado o legítimo Kopi Luwak numa viagem que fiz a Londres. Custou-me duas de minhas garoupas a xícara. Mas, modéstia a parte, eu sou um cara bastante sagaz, de modo que o meu maior orgulho é outro. Afinal, viver como assalariado da indústria brasileira, ter bom gosto e sofisticação é para poucos e bons. E haja jogo de cintura!

Eu não sou nenhum expert no assunto, mas tenho a criatividade e o raciocínio a meu favor. Quem me ouve falando assim pode, a princípio, imaginar "esse Reinaldo é um arrogante, ele se acha"! Quando, em verdade, não é nada disso. Modéstia a parte, sou apenas ciente daquilo que sou capaz. E provo. Eu não preciso matutar ou estudar muito para saber que o melhor vinho brasileiro é aquele que vem do sul. E isso – a despeito de toda a sapiência, o formalismo e a elucubração dos enólogos – tem uma explicação muito, mas muito simples: as vinícolas do sul são basicamente familiares; com famílias de origem alemã, italiana, polonesa, ucraniana; que geram belas filhas louras, de lindos olhos azuis; os filhos homens ajudam os pais na lavoura, nas suas videiras; as matriarcas são propriamente as responsáveis por cuidar da fermentação do suco; mas são as jovens louras, em tenra idade, no esplendor de seus onze aos treze anos, aquelas a amassarem com os seus pezinhos as bagas de uva; e elas são virgens. Voilà! E isso eu chamo de raciocínio lógico indutivo.

Mas parece que eu já ia perdendo o foco… Eu estava abordando o meu maior orgulho, a minha invenção, sobre a qual eu não posso entrar em profundos detalhes por ser objeto de um pedido de patente: o Café Reinaldo. Posso dizer apenas que foi desenvolvido por similaridade ao Café Civeta, alcançando a mesma excelência em termos de aroma e sabor; com a grande vantagem de que o Café Reinaldo é muito mais barato. Como eu consigo isso? Segredo! Aguarde e a história do barismo dirá de si mesma. Cada coisa ao seu tempo.

Além disso, posso narrar apenas de um pequeno contratempo que tive durante o aperfeiçoamento do Café Reinaldo. Trata-se de um sutil acento de uréia que insistia em se imiscuir às notas achocolatadas e frutadas do Kopi Luwak. Depois de alguns meses de reflexão a este respeito eu me apercebi que, devido às pressões da demanda de trabalho, quando eu ia até o banheiro da fábrica para uma rápida mijada, e a pia estava ocupada, eu saia batido. E foi daí que eu aprendi da real importância de lavar as minhas mãos.

É como eu sempre digo: criatividade, raciocínio, paciência. Sobretudo, muita paciência. Cada coisa ao seu tempo.

Ad aeternum

Este senhor reduzir-nos-á
cada um de nós ao seu
tempo.
Ele também decairá às voltas
dos ponteiros dum relógio.
Apesar disso sobrexiste:
sua essência mutante,
elemento transcendente
do agora.
G-T-T-C-A-C-A-G
Somos genealogia
a observar o passado
de velho.

Espaço entre as palmas das mãos

Debaixo de um chão de estrelas nossa pequena Terra se assemelha apenas a um grão. Existem leis subjacentes a prescreverem-lhes as órbitas, o equilíbrio, os ciclos dessas pedras a revolverem os céus. Uns poucos loucos desvelaram as suas equações. Outros renderam-las versos sensíveis em homenagem. Enquanto o humilde trabalhador a lavrar o solo, extrair-lhe o sustento. Cada criatura apreende de forma diversa da gravidade. Entretanto ela está sempre presente. Inerente aos fenômenos da vida, como o ar que respiramos, quase sem nos apercebermos. As estrelas, estas fugidias, nos deixam vislumbrar-lhes o brilho, ao longe, se é noite, sem nada nos dizer dos dias. Porque habitam a casa da realidade, ocupam-se daquilo que são, alheias a razão da existência. Deixando-nos assim a deriva, náufragos em seu véu, poeira de estrelas. Se por um lado escapa-nos a verdade, temos a nosso favor o sentimento, a percepção. Do ínfimo espaço entre as palmas das mãos que se dão escorre o amor. Esse fluido a permear todo espaço; atribuindo-lhe significado, beleza, veneração. São os nossos sonhos, sementes fecundas a suster a infinita árvore da vida.

Green glasses

Bota esses seus óculos de lentes verdes,
pensa num planeta além da órbita
do próprio umbigo,
tanta gente necessitada,
tanta gente sofrida,
se olha no espelho,
tira esses seus óculos de lentes verdes,
bota a mão na consciência,
"como é se não a vejo",
põe de volta os óculos de lentes verdes,
vê se tira os olhos do espelho,
de tanta gente sorrindo,
quanta bagunça na praia,
ela toda dentro da cabeça,
na forma da fumaça
de uns bauretes,
os radicais livres e em festa,
o sol,
(a-o)m(o-a)r,
se chafurdar na areia

Escaravelho expiando carmas

Já não bastassem as inúmeras dificuldades imputadas aos idosos – das naturais restrições físicas e cognitivas, até o mais puro descaso da sociedade – notícia recém-divulgada pela NASA (a Agência Americana de Aeronáutica e Espaço) têm tudo para deixar estes senhores e senhoras de queixo caído. A história, das mais mirabolantes, envolvendo personalidades mundiais, reminiscências da guerra fria e até pacatos iogues tibetanos promete abalar os alicerces da civilização com a comprovação científica dos ciclos de reencarnação. Prestes a ser divulgada pela conceituada revista NATURE, o que para muitos irá soar como alento, para eles, os idosos, poderá parecer tão impactante quanto o bombardeio de Hiroshima. Portanto, vovô, segure a sua dentadura para ela não cair e vamos aos fatos.

"As pessoas deviam dar ouvidos às evidências propaladas pela sabedoria popular. Situações fictícias retratadas em filmes, em livros, muitas vezes já demonstraram trazer intrínseco o germe da realidade. Esse é cerne daquilo que Carl Gustav Jung denominou de o inconsciente coletivo." Tive o privilégio de entrevistar um oficial de alta patente da NASA envolvido no programa secreto ME (de Mind Engineering ou engenharia da mente) e foi quem me passou em primeira mão o relato sobre a recente descoberta. Por razões óbvias, preferiu manter sua identidade em sigilo.

Segundo o oficial, foi em verdade um grupo de pesquisadores da extinta URSS logo após o final da segunda grande guerra o precursor de conceitos seminais ao que hoje se intitula ME – a engenharia da mente. Dentre essas cabeças brilhantes destaca-se o ilustre cientista Sergei Korolev [1] (pronuncia-se: ser-gay caralhov), engenheiro-chefe do programa espacial soviético.

"Falar em história da engenharia da mente é um bocado complicado, tendo em vista a sutileza da nova ciência,

do emaranhado de ideias justapostas e inter-relacionadas. Mas posso afirmar que antigos iogues tibetanos já realizavam práticas avançadas em ME, sem sequer conhecer o intrincado arcabouço teórico que as sustem." A seguir o oficial arrolou uma lista de homens-santos e suas notáveis proezas: Jesus Cristo, São João Evangelista, São Francisco, Buddha, Helena Blavatsky [2], Sathya Sai Baba e até o brasileiro Chico Xavier.

"Àquilo tudo que chamamos de milagres em verdade não o são, posto que existam leis naturais a explicar-lhes a natureza dos fenômenos. O entendimento destas leis subjacentes aos fenômenos naturais sutis é objeto de estudo da ME." Daí até a comprovação científica dos ciclos de reencarnação foi um pulo. "Mas ainda estamos tateando a superfície de um imenso iceberg."

Segundo o oficial da NASA, tais estudos se propõem a entender da dinâmica e vínculos entre os três vasos nos quais se encontra encapsulada a alma humana, a saber: o corpo físico, o corpo astral e o corpo causal – sendo este último especificamente aquele o qual acreditam ser o capaz de impactar significativamente o fluxo dos fenômenos naturais. "A alma humana está ancorada ao corpo físico numa percepção mais imediata da realidade, sempre que estamos despertos. E muita vez o cidadão comum traz consigo reminiscências do plano astral assim que desperta após uma boa noite de sono: a recordação dos sonhos é nada mais nada menos que a experiência desse segundo lastro, como aquele de um balão. Já o corpo causal encontra-se diluído à matriz da realidade última, e por ser extremamente fluido, é capaz colapsar ideias em eventos futuros ou pretéritos. São movimentos nesse universo dos fenômenos onde atuam os homens-santos, quando realizam o que popularmente chamamos de milagres."

"Existe uma técnica para fluir conscientemente na fonte imanente da realidade última. Aquilo que os antigos iogues buscam em profunda meditação, o estado de samadhi [3]." Extremo relaxamento, um semblante de paz, suspensão das necessidades fisiológicas – respiração, alimentação e dos batimentos

cardíacos – aparecem como epifenômenos do iogue em samadhi, cuja experienciação é sempre descrita como experiência sublime, além do poder descritivo da palavra. Coisa bem diferente é tentar descrever os mecanismos naturais subjacentes a esta prática, objeto de estudo da engenharia da mente.

"Soubemos que Sergei Korolev e sua equipe monitoravam de perto Yoko Ono e John Lennon com uma complexa parafernália radiofônica, porque já houvera sido comprovado que nesses movimentos do corpo causal, trocas mais eficientes entre pessoas, são significativamente potencializadas quando existe o forte vínculo do amor. E John e Yoko eram muito 'ligados', mas descartamos veementemente a hipótese infundada de que Mark Chapman [4] tivesse agido a mando da KGB. Fato é que, quando do assassinato, os cientistas soviéticos em ME perderam o contato com John. Sergei Korolev acreditava que, mapeando as ondas cerebrais de Yoko, pudesse rastrear o espírito de John no plano astral, através de um intrincado algoritmo matemático valendo-se da transformada de Fourier [5]. Ele pretendia com isso demonstrar a sobrevivência do espírito, a existência de vida após a morte. Mas infelizmente ele falhou por uma escolha inadequada do corpo de prova: John Lennon jamais reencarnou!"

Aparentemente de difícil compreensão, estes movimentos do corpo causal são bastante simples de se entender através da simples analogia com a propagação de uma onda. Imagine que você arremessa uma pedra contra a superfície tranquila de um lago. Ondas concêntricas se expandirão a partir do centro em cristas e vales. Se imaginarmos que o lago é a matriz última da realidade, então todos nós estamos imersos nesse mesmo fluido cósmico. Um iogue em samadhi é capaz de irradiar ondas concêntricas a partir de seu lobo frontal alterando a superfície do lago, o que seria equivalente ao colapso de eventos no espaço-tempo (morada do corpo físico). Um homem-santo seria capaz de emular a frequência da expansão de suas ondas causando a interferência no campo de um

enfermo e realizar a cura instantaneamente. As pessoas que se amam verdadeiramente (estão 'ligadas') realizam trocas mesmo à distância, porque suas ondas se propagam na mesma frequência e compõem juntas. Mas para isso tudo, é preciso elevação. O homem submerso na matriz última da realidade, no fundo do lago, fortemente ancorado ao seu corpo físico, tem pouca ou nenhuma chance de colapsar ideias em eventos. "Por isso eleva-te, caminha sobre as águas."

"Desde 2007 estamos monitorando as ondas cerebrais emitidas por Ram Bahadur Bomjon, ou Palden Dorje [6], nome budista do jovem mundialmente afamado por passar dias e noites em profundo estado de transe, meditando pela salvação humana, pela salvação de todos os seres vivos e a paz neste nosso planeta. Palden Dorje possui imensa capacidade de abstração, facilmente se desligando dos vínculos com o seu corpo físico, ele permanece a maior parte do tempo em estado de samadhi, cessando sua respiração e os batimentos cardíacos. Entretanto, é neste estado limite que observamos a emissão de potente energia em alta frequência originária de seu lobo frontal. Ondas concêntricas a se expandirem. É por isso que Palden Dorje foi selecionado pela NASA como corpo de prova para o seu projeto em ME."

O oficial disse que Palden Dorje tem a capacidade de desmaterializar-se e subitamente reaparecer em outro ponto do planeta. "Entretanto, com nosso moderno aparato de rastreamento, é possível mapearmos com grande precisão a localização de Palden Dorje através de sua assinatura pessoal de emissão no espectro de frequências."

O oficial da NASA disse que o jovem "conversa" com as árvores, os animais, entes dos reinos vegetal, mineral ou animal. "Não é propriamente uma conversa, é a fusão no plano astral que permite fabulosa troca de informação ou, como denominam os místicos, integração cósmica. Tudo isso é captado pelas nossas antenas, os sinais são armazenados para posterior análise dos especialistas."

"Sabíamos que estávamos a poucos passos de uma descoberta de vulto em engenharia da mente." No dia 17 de outubro do ano de 2013 Palden Dorje materializou-se sobre o Palácio da Alvorada. Ele estava em meditação profunda quando observou um besouro robusto, um escaravelho [7]. Segue transcrição da "conversa" travada entre jovem e besouro, já decodificada pela NASA:

– O que está fazendo aqui meu jovem?

– Estou meditando pela paz nesse belo país que é o Brasil. E você, caro besouro, o que faz em cima dessa montanha de concreto?

– Fui mandado para cá como forma de expiar carmas de minha vida passada. Disseram: "Vá lá ver a merda que estão fazendo no Palácio da Alvorada."

– Qual o seu nome, caro besouro?

– Oscar Niemeyer [8], noutra vida eu vivi como ser humano ao longo de 104 anos!

– Muito prazer meu caro Oscar Niemeyer. Soube mesmo que pela lei natural todo o idoso reencarna como um ex cara velho. Meu nome é Palden Dorje.

Ao final de nossa entrevista perguntei ao oficial da NASA se ele tinha algo mais a acrescentar, alguma frase ou pensamento para a reflexão, ao que ele me respondeu em alto e bom som: "Agora durma com essa, vovô!"

Referências:

[1] http://pt.wikipedia.org/wiki/Sergei_Korolev
[2] http://pt.wikipedia.org/wiki/Helena_Blavatsky
[3] http://pt.wikipedia.org/wiki/Samadhi
[4] http://pt.wikipedia.org/wiki/Mark_Chapman
[5] http://pt.wikipedia.org/wiki/ Transformada_de_Fourier
[6] http://pt.wikipedia.org/wiki/Palden_Dorje
[7] http://pt.wikipedia.org/wiki/Escaravelho
[8] http://pt.wikipedia.org/wiki/Oscar_Niemeyer

21-08-2014

(uma canção para a minha morte)

se ela não vier
(ela não virá)
o universo colapsará
sobre esta mesa
entenda
um pássaro
sobre o arame farpado
é disso que trata
a vida
eu a bebo em goles líquidos
enquanto me equilibro

Esse poema é uma homenagem aos vinte e cinco anos sem o brasileiro Raul Santos Seixas

Júpiter

Estamos de mudança para uma pequena cidade do interior, eu, meu pai, minha mãe e meus dois filhos, de onze e nove anos. Depois de vários anos morando sozinho, distante de meus entes queridos, com os quais me encontro apenas nos finais de semana – desde quando decidi tomar em definitivo as rédeas de minha vida –, me sinto empolgado e feliz com a perspectiva de voltar a viver em família.

A cidade para onde estamos nos mudando deve ter por volta de quinze mil habitantes e vamos morar num casarão em estilo colonial que ocupa todo um quarteirão. O casarão é do final do século XIX, com o pé direito alto, cômodos amplos e assim também são as aberturas das janelas e das portas. As vigas e os pilares da estrutura, os batentes das portas e janelas e os móveis são de madeira maciça, em cores escuras, sóbrias, mas tudo muito limpo, organizado e conservado. Lá é possível respirar um ar úmido e puro, pois o casarão ocupa o centro do terreno sendo rodeado de muito verde: árvores centenárias, jardins e um pomar.

A pequena cidade representa uma novidade para todos nós e estamos ansiosos por conhecê-la e aos seus moradores. Entretanto, precisamos tomar providências quanto a um conflito inicial: trouxemos conosco nossos animais de estimação, dois cães e um gato, que sempre viveram em harmonia; mas no casarão já havia um cão de guarda. Este é bastante hostil e não aceita a convivência com os nossos bichos. Tentamos várias configurações, deixando inclusive os dois cães maiores segregados do cachorro menor e do gato. Mas o cão de guarda, apesar de inicialmente aceitar esse último arranjo, acabou atacando ferozmente o nosso cachorro maior; por sorte separamos a briga, sem maiores implicações. Decidimos doar o cão de guarda, o que não foi muito difícil. E assim foi restabelecida a harmonia.

Saímos para um passeio. Caminhamos pela praça principal e observamos a formação do que seria uma procissão. Próximo à praça havia um pequeno museu e, como estávamos interessados em conhecer mais da história e dos moradores daquela cidade, decidimo-nos por uma visita.

Estávamos apenas eu, meu pai e minha mãe. As crianças não nos acompanharam ao museu, era desinteressante para eles. Enquanto eu observava um aparador com fotos em branco e preto de famílias tradicionais daquela cidade e respectivas anotações, senti um súbito mal estar, com ligeira queda da pressão e meus pés se umedeceram.

Retirei os meus sapatos, minhas meias estavam empapadas de sangue. Saquei as meias e, para a minha surpresa, no entorno das plantas de meus pés havia profundas fissuras na pele que iam até os ossos, por onde vazavam sangue e linfa. Era como se as carnes tivessem perdido elasticidade e resistência, descolando dos ossos pela simples pressão exercida do corpo sobre os meus pés.

Quando fui me levantar, empurrando o corpo para cima com o meu braço direito, sulcos se formaram pela contração do músculo, donde agora fluíam também grande quantidade de plasma e sangue, e uma das extremidades de meu tríceps se rompeu como uma corda apodrecida. A sensação era aquela de um corpo composto por ossos revestidos de argila: bastava um movimento mais brusco para que imensas fissuras se abrissem, deixando vazar as entranhas.

Permaneci deitado no chão do museu, de forma a distribuir mais uniformemente o peso de meu corpo, para que nenhuma nova ferida se abrisse. Eu perdia muito sangue e linfa, minha mãe ficou comigo enquanto meu pai foi buscar socorro. Entretanto, uma longa procissão passava pela rua de acesso ao museu e por isso a ambulância custava a chegar. Eu podia ver a procissão passando lentamente através de ampla janela de vidro.

Quando a procissão terminou sua passagem, a ambulância chegou. Já havia um ferido no interior do veículo,

aparentemente um rapaz com a perna fraturada. Os enfermeiros que me puseram na ambulância pareciam perturbados pelo odor putrefato que exalava de meu corpo. Pelo semblante deles fiz a leitura de que a situação era grave.

No hospital local os médicos não sabiam como tratar de minha enfermidade. Fui então de ambulância para um hospital de outra cidade, maior e mais bem equipado. Os médicos, melhor capacitados, diagnosticaram uma grave deficiência associada à eliminação de toxinas e impurezas pelo organismo, estas teriam se acumulado em excesso nos músculos e nas diversas camadas da pele, causando o seu colapso ou quase falência.

Fui colocado numa espécie de banheira hospitalar, onde eu permanecia praticamente imerso numa emulsão de ph neutro, deitado, apenas com a cabeça para fora. O objetivo era a cicatrização das fissuras, que ainda vazavam plasma e sangue, e a redução do risco da abertura de novos ferimentos pelo impacto ou esforço físico.

Eu havia perdido muito sangue e estava fraco. Implorei para o meu pai e minha mãe que não me deixassem sozinho no hospital. Os médicos recomendaram que eu bebesse muita água e que ingerisse tanto quanto possível os medicamentos que haviam deixado. Para o meu estranhamento, estes consistiam de minerais, de cristais translúcidos e lapidados, alguns nas cores vermelha ou amarela, a maioria transparente; semelhantes às pedras preciosas. Outros desses medicamentos ou alimentos eram segmentos metálicos, como aqueles de estanho ou prata, num formato similar ao chocolate granulado. Eu botava pequenos punhados desses cristais na boca e os ingeria com amplos goles d'água. Fazia o mesmo com os segmentos metálicos.

Apesar disso, fui enfraquecendo gradualmente. Meu corpo estava frágil e delgado. O meu pai, sempre ao lado da banheira-leito durante essa minha convalescença. Eu já não conseguia falar, alternava estados de vigília, sono e torpor. Não diferenciava os dias das noites e estava incapacitado de

percepção acurada da passagem do tempo. Certo dia, enquanto estava desperto, o meu pai me disse:

– Desculpe-me filho, mas terei de deixá-lo. A vida segue, não posso permanecer para sempre ao teu lado.

Por essa época eu não sentia mais dor e, estranhamente, percebia o gradual aumento de minhas faculdades cognitivas e de percepção inversamente à degradação de meu estado físico. Era possível compreender as conversas dos médicos ao meu redor, que davam como certo o meu fim iminente.

Certo dia, eu recebi a visita de meu primo militar. Apesar de meu estado catatônico, ele falou normalmente comigo, não ficou apenas me fitando com aquele semblante de pena, como faziam os demais. Ele me disse que todos estavam bem, apesar de que fazendo concessões; estavam economizando e trabalhando duro para custear o meu tratamento, que eu ficasse tranquilo, que todos torciam para que eu me recuperasse e mandavam lembranças.

Nunca me senti tão mal como naquele dia. De súbito percebi como eu havia sido estúpido e egoísta em haver pedido que meu pai e minha mãe não me abandonassem. Agora todos de minha família estavam passando por necessidades para me manterem no hospital. E eu não conseguia sequer me mover, me comunicar, pedir que me deixassem em paz, que eu não sentia mais dor; enfim, que eu estava preparado para partir.

Os médicos se reuniam de vez em quando ao meu redor para a discussão de meu quadro clínico que, pelo que eu podia ouvir, era estável. Apesar disso, esse estado, na opinião deles, era irreversível.

– Como pode a família desse sujeito mantê-lo nesse quadro, alimentarem ainda a esperança de que ele possa se recuperar?

– Enquanto isso ele ocupa mais um leito desse hospital, com tantos pacientes precisando de quartos para o seu pronto restabelecimento.

– É verdade, tremenda insensatez!

Certa noite eu ouvi o médico plantonista conversando com um policial que havia entrado no quarto. Combinaram alguma coisa em voz baixa, o médico permaneceu no quarto e o policial foi para fora. Nessa noite, em particular, o hospital estava abarrotado de gente, faltavam leitos para os atendimentos de urgência. Pacientes agonizavam no corredor e eu podia ouvi-los.

Então, o plantonista agarrou o meu corpo frágil que, naquele momento, apesar de um metro e oitenta e cinco centímetros de altura, pesava menos de cinquenta quilos. Minha pele fina se rasgou em vários pontos, donde esguichava muita linfa e sangue. Eu não passava de um saco preenchido de material orgânico podre e ossos. O médico simulou um enfrentamento, como se eu o tivesse atacado e jogou meu corpo para fora do quarto, no meio do corredor, próximo a escadaria. Daí o policial sacou sua arma, mirou bem e disparou.

O primeiro tiro atravessou o meu antebraço direito facilmente, como se perfurasse um saco plástico preenchido por água. Eu não sentia dor. Os pacientes e outros médicos gritavam de terror. O segundo tiro, o policial acertou bem no meio de minha têmpora esquerda. Boa pontaria, pensei comigo mesmo. Meu corpo tombou desfalecido no chão. O sangue escorria em direção aos degraus.

Ao contrário do que imaginava, eu não perdi a consciência após ter sido alvejado, meus sentidos se expandiam ainda mais. Tentei identificar donde vinha aquele fluxo consciente que era eu mesmo. Para o meu espanto, meus sentidos estavam imiscuídos ao sangue que escorria andar abaixo pelos degraus. Eu era aquele líquido vermelho putrefato que se espalhava, podia sentir a perda de calor para os degraus gelados de granito. A que ponto lamentável eu cheguei, que condição absurda, pensei com os meus botões. Apesar disso, a sensação era genuína e extremamente sui generis. Procurei desfrutar ao máximo daquela percepção ou consciência sanguínea. Até que, súbito, cessou a experiência e caí num sono profundo.

* * *

Quando despertei estava deitado na sala de estar de uma casa na periferia doutra cidade. A temperatura era agradável. Olhando pela janela, podia ver a exuberância do céu de cor púrpura. Ao fundo faiscavam relâmpagos em intervalos breves, porém assíncronos. Não havia, porém, o barulho de trovões.

– Ah, você finalmente despertou!

Disse uma garota de vinte e poucos anos. Logo se juntaram a ela outra garota e um rapaz aparentando mesma idade.

– Então é você o cara que escorreu pelas escadas.

A frase do rapaz não era carregada de ironia ou sarcasmo, mas de grande amabilidade. Senti-me envergonhado e constrangido. O meu corpo encontrava-se frágil e debilitado como naqueles últimos dias no hospital, apesar disso, consegui responder.

– Sim, sou eu.

– Fique tranquilo, disse a outra garota, todos nós aqui passamos mais ou menos pela mesma coisa. A gente vai cuidar de você até que se sinta melhor.

Eles estavam sempre por ali, na ampla sala de estar. Percebi que havia outras duas pessoas se recuperando, a exemplo de quem vos narra essa história. Cada uma dessas pessoas era especialmente assistida por um deles. O rapaz é quem era o responsável pelos meus cuidados.

Com o passar dos dias melhorava o meu quadro clínico, apesar de não recordar de qualquer medicação. Eu ganhava peso e ânimo na mesma medida em que se expandia a minha consciência. Percebi como aquela cidade era evoluída e afortunada, provavelmente com alto índice de desenvolvimento humano. A casa onde eu estava ficava na periferia, como já mencionei; apesar disso, não se comparava às condições precárias às quais estamos acostumados de experimentar. Por

sua vez, o centro da cidade não era caótico, barulhento ou agitado. Ao contrário, parecia emanar daquela fonte grande energia vital e harmonia, que eu podia captar através de meus sentidos. Parecia ser este o alimento que propiciava o meu restabelecimento.

Não devo me furtar em narrar que me sentia como criatura assombrada com tantas novidades num curto período de tempo. Certa noite, eu vi um corredor através do qual as garotas e o rapaz se recolheram. Eu já podia me movimentar com dificuldades, meio que rastejando, e rumei para lá. Chegando próximo ao batente, percebi que não havia porta, mas sim uma parede menos espessa. Apenas uma pequena abertura próxima ao solo em forma de arco. Eu podia enxergar através daquela abertura, mas não havia como eu passar.

Vi, então, o rapaz se aproximando pelo corredor. Ele vinha em minha direção. Para o meu espanto ele atravessou através da parede interior ao batente.

– Você ainda não está pronto para estar conosco. Logo estará mais forte, vai ficar bom.

Eu me sentia só. Um dia percebi que havia três pessoas vindas do centro da cidade para a periferia com o intuito de se encontrarem comigo. Pude captar também a apreensão no rosto das duas garotas e do rapaz que zelavam por mim. Quando estavam bastante próximos eles pararam e começaram a discutir entre si. Debatiam se era a atitude acertada. Pude então identificá-los. Era minha ex-mulher e os seus pais. Depois de uma conversa entre si, eles se afastaram e foram embora.

Senti-me entristecido.

– Não se preocupe; mais breve do que imagina estará junto de sua verdadeira família.

Disse-me uma das garotas com grande convicção.

E foi essa sua fala que me trouxe extrema paz de espírito.

Canção

quando pensar em parar de tocar
ou antes
se imaginar vomitar
a lua e as estrelas
será noite
por isso não beba muito
durma tarde
e acorde cedo

Cinábrio

Miro viajava num ônibus. A maioria dos passageiros era composta por sexagenários, exceto Miro e os dois guias, um homem e uma mulher, na casa dos quarenta anos, assim como ele próprio. Havia pessoas de ambos os sexos. Formavam uma espécie de grupo em excursão ou expedição na busca por rochas; certo mineral de característica metálica.

Enquanto o ônibus seguia em direção à reserva (ou floresta), onde coletariam algumas dessas rochas, os guias versavam sobre o mineral. Era um metal de grande interesse, porém não se tratava de gema, preciosa. A forma na qual o encontrariam era distinta daquela usualmente conhecida: o metal já processado, livre de impurezas e da terra.

Nesse momento os guias procuravam descrever como era esse mineral, de forma a facilitar-lhes a identificação. Este consistia em rochas de uma tonalidade marrom avermelhada, espécie de mistura de terra com arenito, encontradas na natureza em torrões, aproximadamente do tamanho de um hemisfério cerebral, ligeiramente densas, passíveis de se esfarelarem e apresentando circunvoluções.

Miro trazia consigo cinco rochas, as quais ele acreditava serem do referido mineral. Três rochas foram distribuídas para os participantes da expedição, passadas de uns aos outros, para a familiarização. Outra rocha foi parar nas mãos de um dos guias e a quinta delas se encontrava com Miro. O guia, após observação minuciosa do exemplar que estava consigo, alertou-lhes que aquelas não eram rochas do mineral de interesse.

De súbito, as cinco rochas se transformaram em serpentes, como se desenrolassem vivas, de uma condição ulterior onde se encontravam aninhadas, animadas a partir da forma mineral. Assustados, eles largaram as cinco serpentes

que então circulavam pelo corredor do ônibus, deflagrando grande apreensão.

Para o espanto de Miro, todas as serpentes rastejavam em sua direção, como se fosse ele a presa. Armavam botes e tentavam lhe atacar em voos imprecisos. Miro agarrou uma das serpentes no ar, a poucos centímetros de sua face. Ele a segurava próximo da sua cabeça. Ela tentava, em vão, morder os seus pulsos, flexível e escorregadia, botando para fora da boca aquela sua língua afilada, bipartida.

A essa altura o ônibus estava parado, na margem da estrada, ao lado de uma clareira. Era fim de tarde, próximo a hora do crepúsculo. Miro desceu do veículo com as serpentes a lhe perseguirem. Ele tentava desvencilhar-se delas usando um ramo mais robusto que encontrou largado nos arredores. Com muito custo, conseguiu dispersá-las mata adentro. Voltou então para o ônibus e seguiram viagem.

Miro despertou da noite de sono extenuado, o corpo e a cabeça lhe pesavam muito: um sonho verdadeiramente marcante; embora ele não tenha conseguido compreender, de imediato, o significado.

Miro havia deixado para trás rochas e serpentes. Avançava em direção ao simbolismo do número cinco.

Viagem do corvo

Finalmente terei duas horas de sono. Chego ao apartamento às 4h da manhã. Fico pensando nisso: em peitos e bundas de silicone. Pensando bem, não é tão mau assim. A propósito, nunca soube a razão de serem tão pontiagudas, certamente no futuro entenderão muito mais de cirurgia plástica que nos dias de hoje, dessa nossa época recheada de peitos e bundas de silicone. Queria ser o capitão Spock, nem me importaria com aquelas orelhas bizarras. Que merda viver no Brasil nesse início de terceiro milênio.

"Se navegar pelos oceanos foi um desafio espetacular, voar pelo universo é aventura ainda mais hercúlea. A Terra está a anos-luz de distância de outros sistemas estelares e uma regra fundamental da física nos limita: nada é mais rápido que a luz. Mesmo se alcançássemos essa velocidade, a jornada para estrelas vizinhas levaria no mínimo quatro anos. Cientistas da Nasa apostam que a solução não está em tentar ser veloz, mas em dobrar o espaço-tempo para aproximar corpos celestes e impulsionar espaçonaves em direção a eles. Viagens de anos-luz demorariam meses. Essa possibilidade ainda é restrita à ficção científica, mas começa a tomar contornos reais em laboratórios. Disse a VEJA o engenheiro espacial Harold White, chefe do departamento da Nasa encarregado de testar possibilidades para levar o homem a partes longínquas do universo: 'Distorcer o espaço é algo que a natureza faz desde o Big Bang. Resta saber se conseguimos reproduzir esse efeito'. Os cálculos de Harold White e sua equipe redefiniram a conta. Pela nova equação, produzir essa distorção é plausível, e ela pode ser simulada. O termo warp drive (dobra espacial) surgiu na ficção, em Jornada nas Estrelas, e nomeou a teoria do físico mexicano Miguel Alcubierre, em 1994. Pelo modelo, uma fonte energética produz uma bolha ao redor da espaçonave. A bolha expande o espaço na traseira, enquanto o contrai na

frente, impulsionando a nave. Essa é a tal dobra. É como se a nave fosse um surfista em cima de uma onda (a dobra) que o leva pelo mar (o universo). Para a tripulação, a nave pareceria imóvel. Em relação à Terra, a velocidade superaria a da luz. Sistemas estelares seriam alcançados em poucos meses. Alcubierre apostava que para criar uma dobra seria necessária uma energia equivalente à da massa de Júpiter. Novamente, uma impossibilidade. Harold White, da Nasa, recalculou. Em sua equação, afinou a bolha no entorno de uma nave esférica de 10 metros de diâmetro. Por consequência, diminuiu a dimensão da fonte energética para 750 quilos."

Fico matutando sobre aquilo que li na revista VEJA da semana passada. Acomodado na poltrona de número 30 tento, em vão, pegar no sono. 19h50, o ônibus para Niterói prestes a partir, corro para a plataforma de número 02. Permito-me esboçar um sorriso. "São Paulo / cidade batuta / toda esquina / um viado, uma janela, uma puta". Obra feita, senti até um certo alívio, e pude apreciar uma dessas pérolas literárias que só habitam os banheiros públicos, faço questão de reproduzi-la aqui: Que merda, pensei, mas ela ainda estava por vir. Ledo engano, banheiro gratuito, os bêbados e descuidados podiam mijar de graça e a vontade nos assentos das privadas, e não deixavam por menos. Corri para o banheiro, torcia para que fosse como aquele do Rio, que é pago, pelo menos seria mais limpo (ou menos sujo). Tive uma vontade súbita e intensa de ir ao banheiro, era o que meus filhos costumam denominar de "o número dois", em bom português: precisava cagar, e era urgente. Nenhum dos três falava, eram surdos-mudos, comunicavam-se freneticamente com sinais, mas percebi que aquiesciam à minha presença, então pude comer em paz (e silêncio) em meio à multidão. Posso me sentar nessa cadeira? Não, está ocupada. Posso me sentar nessa cadeira? Foi só quando peguei o meu Bob's picanha com fritas e Coca-Cola 500ml que me dei conta que as mesas também. Àquela hora estava faminto e as filas do Bob's, abarrotadas

de gente. Então vai essa mesmo. Não. Você tem outra opção, respondi com ar irônico. Pode ser essa poltrona, ela me perguntou. A atendente me mostrou o mapa de poltronas ocupadas do ônibus das 20h para Niterói: todas as poltronas exceto aquela de número 30! Segui resignado até o guichê. Chegando à plataforma de número 04, o ônibus para Niterói das 18h40 acabara de partir. Corri com a mala nas costas, esbarrando nas pessoas, subi os lances de escada porque as rolantes estavam lotadas, atravessei a rodoviária arremessando outros corpos para o lado, abrindo o meu caminho, desci os lances de escada (porque as rolantes estavam lotadas). Desci do ônibus na rodoviária de São Paulo às 16h35 no saguão das plataformas de 51 até 100, mas precisava tomar ônibus na plataforma 04 do saguão diametralmente oposto, aquele das plataformas de 01 até 50. Você chegará em São Paulo próximo do horário de partida do ônibus para Niterói, mas tem boas chances de tudo dar certo, caso você o perca, poderá trocar a passagem no guichê, informara-me a vendedora das passagens em Campinas. Optei em seguir para São Paulo no ônibus das 16h55 e tomar outro ônibus, às 18h40 de São Paulo para Niterói. O próximo ônibus disponível de Campinas para o Rio de Janeiro sairia às 23h45. A passagem de circular me custou apenas três reais, mas levei quase uma hora do aeroporto até a rodoviária. A empresa reembolsou somente a passagem, sequer conseguiu transporte para a rodoviária de Campinas. Preciso estar no trabalho amanhã cedo! Mas como assim? A pista estava interditada, nenhum avião podia pousar ou decolar do aeroporto, o próximo vôo disponível para o Rio de Janeiro apenas na quarta-feira. Só então eu soube do incidente da noite anterior. Saltei no aeroporto de Viracopos às 14h55 e segui direto para o saguão de embarque do aeroporto. Abraçamos-nos, ela me beijou e seguiu para a casa da mãe. Chegarei às 16h30 e poderei aproveitar o fim de tarde para um passeio pela Cidade Maravilhosa, pensei com os meus botões. Eu esbocei um sorriso e meneei a cabeça confirmando. Você conseguiu um bom

horário nesse fim de semana, ela me disse. Estrada ensolarada, o clima ameno de primavera, o verde da mata, ao som da Imprensa FM 101.5 MHz de Vargem Grande do Sul. Depois viajaríamos de carro de Porto Ferreira para Campinas, em uma hora e quarenta e cinco minutos estaríamos em Viracopos, e de lá ela seguiria para visitar os seus pais. Um almoço breve mas agradável, com direito ao expresso para a boa digestão. Eu e ela seguimos para o restaurante, ainda em Porto Ferreira. Fiz o meu "check in" por volta do meio-dia de domingo, pela internet, para o vôo das 15h30.

"O aeroporto internacional de Viracopos, em Campinas (95 km de São Paulo), amanheceu fechado para pousos e decolagens e sem previsão de reabertura, de acordo com a Infraero. O fechamento do aeroporto prejudica 15 mil passageiros. A única pista do aeroporto está interditada desde a noite de sábado (13), depois do incidente com o avião da Centurion Cargo. De acordo com o diretor-geral da Centurion, Vanderlei Morelli, o cargueiro MD11, que vinha de Miami, pousou às 19h55 em Viracopos, quando apresentou problemas no trem de pouso. 'Ele (o trem de pouso) travou. O avião percorreu toda a pista e está parado no final dela. Estamos trabalhando para liberá-la ainda esta noite', afirmou. Morelli disse que ninguém ficou ferido. O impacto do pouso forçado da aeronave provocou uma ranhura superficial ao longo da pista."

A previsão do tempo me diz que vamos ter sol durante todo o fim de semana aqui em Miami, já está quase na hora de largarmos, vamos deixar essa bucha para os mecânicos brasileiros resolverem, responde o supervisor. Os sistemas estão acusando quinze por cento de probabilidade de falha na abertura do trem de pouso principal da asa esquerda, disse o mecânico de vôo.

Exor sismo

semelhança das estrelas. di
spostas no céu. gra
ndes distâncias separam as criaturas. duma
mesma essência. sua n
atureza intrínseca. asse
melhamo-nos muito mais às vielas. de
caminhos labirínticos e mal iluminados. qu
e aquela noção pré-concebida. d
a auto-estrada. p
osto que as vias fáceis levam. se
não. ao
lugar comum. exer
cício bem diferente daquele de velar. por d
elicada planta. à pa
lma. cad
a um de nós traz linhas únicas. e
assim deve ser. n
ão que seja difícil. tr
iste. ou
austero como a caatinga. simp
lesmente. o ser
leva consigo. búss
ola e combustível. par
a a viagem. no
coração seu destino. o
s vidros escancarados. si
go conduzindo o meu veículo. e
m alta velocidade. á

Jorge Francisco: uma singela homenagem

Face terrível de ver, mas mente benigna,
E com uma longa barba sobre o peito robusto!
Desprezou os seus entes queridos, para nos amar,
Considerando Ravena sua própria pátria.

– Epitáfio de Droctulft, guerreiro lombardo, citado na "história do guerreiro e da cativa"

Jorge Francisco Isidoro Luis Borges Acevedo nasceu em Buenos Aires, Argentina, ao vigésimo quarto dia do mês de Agosto de 1899.

"Minhas provações começaram, como mencionei, num jardim de Tebas. A noite toda não dormi, pois algo estava lutando em meu coração. Levantei-me pouco antes do amanhecer; meus escravos dormiam, a lua tinha a mesma cor da infinita areia. Um cavaleiro exausto e ensangüentado vinha do oriente. A alguns passos de mim, rolou do cavalo. Com uma tênue voz insaciável perguntou em latim o nome do rio que banhava os muros da cidade. Respondi-lhe que era o Egito, alimentado pelas chuvas. 'É outro o rio que procuro', replicou tristemente, 'o rio secreto que purifica os homens da morte'".

– Excerto do conto "O imortal"

Em 1914 sua família se mudou para Suíça, onde ele estudou e empreendeu viagens para a Espanha. Em seu retorno à Argentina em 1921, Jorge Francisco começou a publicar seus poemas e ensaios em revistas literárias surrealistas. Também trabalhou como bibliotecário e professor público universitário.

"Não vou falar das fadigas do meu trabalho. Mais de uma vez gritei para a abóbada que era impossível decifrar aquele texto. Gradualmente, o enigma concreto que me ocupava me inquietou menos que o enigma genérico de uma sentença escrita por um deus. Que tipo de sentença (perguntei a mim mesmo) construirá uma mente absoluta? Considerei que nem nas linguagens humanas existe proposição que não implique o universo inteiro; dizer o tigre é dizer os tigres que o geraram, os cervos e as tartarugas que devorou, o pasto de que se alimentaram os cervos, a terra que foi mãe do pasto, o céu que deu luz a terra. Refleti que na linguagem de um deus toda palavra enunciaria essa infinita concatenação dos fatos, e não de um modo implícito, mas explícito, e não de um modo progressivo, mas imediato".

– Trecho de "A escrita do deus"

Sua obra abrange o caos que governa o mundo e o caráter de irrealidade em toda a literatura. Seus livros mais famosos, "Ficciones" (1944) e "O Aleph" (1949), são coletâneas de histórias curtas interligadas por temas comuns: sonhos, labirintos, bibliotecas, escritores fictícios e livros fictícios, religião, Deus.

"Relatar com alguma fidelidade os fatos daquela tarde seria difícil e talvez improcedente. Um dos atributos do inferno é a irrealidade, um atributo que parece mitigar seus terrores e talvez os agrave."

– Passagem do conto "Emma Zuns"

Em 1955 foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional da República Argentina e professor de literatura na Universidade de Buenos Aires. Em 1961, se destacou no cenário internacional quando recebeu o primeiro prêmio internacional de editores – o Prêmio Formentor.

"Compreendeu que um destino não é melhor que outro, mas que todo homem deve acatar o que traz dentro de si. Compreendeu que as divisas e o uniforme o estorvavam. Compreendeu seu íntimo destino de lobo, não de cão gregário; compreendeu que o outro era ele".

– Excerto da "Biografia de Tadeo Isidoro Cruz (1829-74)"

Seus trabalhos contribuíram significativamente para o gênero da literatura fantástica. Estudiosos notaram que a progressiva cegueira de Jorge Francisco ajudou-o a criar novos símbolos literários através da imaginação, já que os poetas, como os cegos, podem ver no escuro. Os poemas de seu último período dialogam com vultos culturais como Spinoza, Luís de Camões e Virgílio.

"Agora as coisas mudaram; nesta noite que precede a minha execução, posso falar sem medo. Não pretendo ser perdoado, porque não sinto culpa, mas quero ser compreendido". "Eu sei que casos como o meu, excepcionais e assombrosos agora, serão muito em breve triviais. Amanhã morrerei, mas sou símbolo das gerações futuras".

– Trechos do conto "Deutsches requiem"

Seu trabalho foi traduzido e publicado extensivamente nos Estados Unidos e na Europa. Jorge Francisco era fluente em várias línguas. Faleceu em Genebra, Suíça, ao décimo quarto dia do mês de Junho de 1986.

"Na candente manhã de fevereiro em que Beatriz Viterbo morreu, depois de uma imperiosa agonia que em nenhum instante se rebaixou ao sentimentalismo ou ao medo, notei que os porta-cartazes de ferro da praça Constituición

tinham renovado não sei que anúncio de cigarros; o fato me tocou, pois compreendi que o incessante e vasto universo já se afastava dela e que aquela mudança era a primeira de uma série infinita. Poderá mudar o universo, mas não eu, pensei com melancólica vaidade…" "…para terminar o poema, a casa era indispensável, pois num canto do porão havia um Aleph. Esclareceu que um Aleph é um dos pontos do espaço que contém todos os outros pontos". "Existe esse Aleph no fundo de uma pedra? Eu o vi quando vi todas as coisas e o esqueci? Nossa mente é porosa ao esquecimento; eu estou mesmo falseando e perdendo, sob trágica erosão dos anos, os traços de Beatriz".

– Passagens do conto "O Aleph"

Entretanto, para entender Jorge Francisco (escritor e ser humano), penetrar seu rico e singular universo, nada melhor que permitir-se à fantástica experiência da leitura de suas obras.

Referências:

[1] "O Aleph", Jorge Luis Borges, (1949); tradução: Davi Arrigucci Jr., Companhia das Letras, São Paulo, (2008).

[2] http://pt.wikipedia.org/wiki/Jorge_Luis_Borges

Atenção ao sublim(in)ar

Nestes nossos dias orientados para a morte, espero por alguém que dê amparo, carinho, e vem você me vilipendiar. Dá-me porrada na cara, diz que sou vagabundo, desatento ao de valor; diz-me das coisas de um mundo mensurado em garoupas, onças pintadas, micos-leões-dourados, araras, garças, tartarugas e beija-flores apenas – tamanha a tua insensatez. Logo eu, consciencioso do trajeto das formigas sobre a pia da cozinha, que reconheço a natureza prismática da luz refletida em sete cores nas gotículas do chuveiro. Vem você e me pede atenção ao subliminar. Pois saiba que te dou com os pára-choques de minha inconsciência, que são feitos para bater e amortizar as dores da alma. Estou a fitar os sorrisos nos rostos das crianças, eu sinto o vento na minha cara, eu assisto ao remoinho no levitar despedaçado de um dente-de-leão. E não adianta esconderes em tua máscara último tipo, porque a chuva que depreende de minha nuvem ainda atravessa o teu pára-brisa. É fria e inexorável a realidade final do teu jazigo, aquele que você paga em suaves prestações; e também sou desatento a isso, você bem o sabe. Mais atenção ao subliminar. Minha vala nada vale posto que fica muito além da tua: acredito na derrocada da carne ante aquela do espírito. Acredito no brilho das estrelas, em caudas de cometas, na sombra de uma palmeira. Rogo pregas ao teu toba, que você inche, exploda junto à merda do capitalismo. E atenção ao sublimar!

Monstro Matemático

(ou quanto à razão da queda da humanidade)

$$\cfrac{\pi+\cfrac{\pi}{\pi+\cfrac{\pi}{\pi+\cfrac{\pi}{\pi+\cfrac{\pi}{\pi+\cfrac{\pi}{\pi+\cfrac{\pi}{\pi+\cfrac{\pi}{\pi+\frac{\pi}{\cdots}}}}}}}}}{e+\cfrac{e}{e+\cfrac{e}{e+\cfrac{e}{e+\frac{e}{\cdots}}}}} - \cfrac{e+\cfrac{e}{e+\cfrac{e}{e+\cfrac{e}{e+\frac{e}{\cdots}}}}}{\pi+\cfrac{\pi}{\pi+\cfrac{\pi}{\pi+\cfrac{\pi}{\pi+\cfrac{\pi}{\pi+\cfrac{\pi}{\pi+\cfrac{\pi}{\pi+\cfrac{\pi}{\pi+\frac{\pi}{\cdots}}}}}}}}} = ?$$

Da pressão dos dias

Enquanto você lê esta carta, muita coisa se perdeu: da indescritível contrição de minha alma, suprema angústia, que verte através de meu punho esquerdo nessa grafia imprecisa, ziguezagueante e tonta; à umidade do papel que, agora seco, outrora sorveu parte das lágrimas deste inverossímil remetente. Pouco importa como estes parcos arranjos de letras, sílabas, palavras, sentenças chegarão aos teus sentidos; saiba que valem cada árvore derrubada para a preparação de redação simples em folha; ainda que você a despreze, de novo e de novo, como é teu o costume de negligenciar a essência em detrimento de outros tantos retalhos insignificantes, duma existência reles.

Que fique desde já grafada a ferro e fogo, como se marca o gado, a minha desaprovação a esse teu comportamento mesquinho, ao teu egoísmo; o que credito a mais absoluta falta de sensibilidade.

Entretanto, e apesar disso, prossigo. Faço votos que em momento oportuno você retorne a estas mal traçadas linhas, este raciocínio torto de poeta, de quem tenta enxergar por frestas, ou através da bruma.

Vale lembrar que o tubo de pitot foi inventado pelo engenheiro francês Henri Pitot no inicio do século XVIII e aprimorado na metade do século seguinte pelo cientista Henry Darcy ao seu formato atual. Este simples aparato é largamente utilizado em aeronaves para a medição da velocidade.

Mas esta velocidade é medida em relação a qual referencial? A aeronave está viajando no espaço e para a sustentação interessa apenas a sua velocidade com relação ao fluxo de ar.

Em última análise, pouco interessa a velocidade da aeronave com relação ao solo. A sustentação pode ser garantida mesmo com esta parada, desde que seja provido necessário fluxo ar, como é o caso dos ensaios em túnel de vento.

Habitando essa nossa pedra celeste, somos bombardeados por flutuações da pressão de estagnação advindas do meio. Estas ondas sonoras que viajam pelo ar chegam aos nossos tímpanos – as membranas internas dos nossos ouvidos. Doutro lado do tímpano há a pressão interna do aparelho auditivo, e a modulação da pressão dinâmica resultante é o que possibilita o sentido de audição.

Os padrões se repetem. Por analogia, podemos pensar nas demandas do mundo externo a se chocarem com as nossas expectativas mais íntimas – abordando a questão pelo viés da psicologia. As pressões conscientes se contrapõem àquelas inconscientes resultando daí o estado de espírito mais ou menos depressivo, mais ou menos maníaco. Enfim, a tênue fronteira entre o equilíbrio mental e a loucura.

Todos estes problemas estão associados à acomodação dos opostos em cada um desses pontos de medida, à nossa experiência. O frio e o calor, o leve e o pesado, a luz e a treva: são facetas da realidade última que é.

A percepção da realidade é atributo intrínseco à vida em todas as suas formas, das mais simples aos mais complexos organismos. E viver não passa de uma viagem no fluxo de eventos do espaço-tempo.

Por isso tudo, imagine dentro de cada uma de nossas cabeças um buraco negro, uma dobra do espaço-tempo, um ponto onde o observador se funde ao universo de eventos,

com potencial de realimentação das expectativas, da geração de respostas criativas e reorganização dos padrões da realidade.

Se for isso mesmo, dobra no espaço-tempo, cada criatura pode ser representada por uma onda se propagando no oceano que é o universo. Uma dobra, uma onda, um vinco que surge pequenino da surpresa de aperceber-se vivo até a sua completa reintegração ao fluxo cósmico.

E fique desde já grafado a ferro e fogo, como se marca o gado: enquanto você lê esta carta, muita coisa se perdeu. Noutro canto, entretanto, brotos nascem das sementes de sonhos.

Um corpo na cama

bem que você foi avisado do estranhamento
bolhas de ar entram pelas guelras do peixe
enquanto ele nada
coisa de gente pequena ficar nessa leseira
são possibilidades apenas, entende?
xeretando a escrita torta dos profetas
daí até o próximo passo
olha que prometem o mundo aos seus pés
o um tem pé, sabia?
deixa o corpo em paz
se desejar forte os pés do mundo
expandido, esparso, expiando
uma merda caga o cachorro do avesso
qual o caminho de volta?
se isso é natural
um cigarro se materializa das cinzas
que volta?
há volta da alma
pro porco de lama?

Não há vagas

Há uma noção equivocada de que o tempo passa. Quando, em verdade, ele não passa de elemento rítmico a compassar os eventos. Daí os batimentos cardíacos, a inspiração e a expiração. Acrescente-se a estes os ciclos lunares, a rotação da Terra – os dias e as noites – e a translação desta nossa pedra celeste ao redor do Sol. Estes são eventos que fluem. Não é o tempo que escorre, é a vida que passa através dele. Nestes nossos dias não há vagas. O tempo é justo, exato e não há de sobra. Cada criatura é responsável por sua própria história.

O velho inventariador

É a melodia triste a se apossar dum remoinho para transmudar na ideia. O velho, cansado, procura nos bolsos de suas calças surradas as chaves da humilde residência. Abre a porta pesada, com vagar. Dá com as costas da mão canhota no interruptor. Então ele já pode ver.

O bom e velho som Philips, 3 em 1, companheiro noturno das últimas quatro décadas. O aparelho receptor de t.v. Telefunken, com tubo catódico. Uma mesa: dois cavaletes com duas longas pranchas de construção dispostas horizontalmente acima. Quatro cadeiras, consistindo estas de duas caixas de pêssegos e mais duas caixas de peras argentinas, doutro tempo, daquele das caixas de frutas de madeira, das peras e dos pêssegos argentinos, todas elas apoiadas no chão sobre as respectivas faces de menor área. Lembranças férteis. Lembranças do esterco, não dos agrotóxicos, não dos transgênicos. Lembranças da Terra molhada.

Na janela da sala é possível, pela observação cuidadosa, aperceber-se da sinuosidade do vidro, que é a tergiversação de sua própria função. Não, não são apenas os operários que se exaurem da jornada longa de trabalho e, vez por outra, desviam o foco do eterno produzir, que é como pensa o patrão. Até o vidro se derrete. Outra vez ele trinca. Então não há culpa.

Noutro cômodo, o quarto de dormir. Um colchão acomodado sobre caixas abertas, daquelas de supermercado, lâminas de papelão sobre o piso frio. Um travesseiro com fronha, um lençol e um cobertor comprados no Mappin, sobre o colchão. A procedência do colchão lhe foge a memória. Um criado-mudo de mogno. "De mogno", ele repete, em voz alta (apesar de estar só). A definição da madeira lhe atribui uma identidade,

como se sacasse esse móvel em específico do conjunto quase inumerável de todos os criados-mudos do universo. Tal e qual o verdadeiro conhecedor da aguardente entende antes do madeiramento para avaliar-lhe, depois, o sabor. O velho sabe.

Uma miríade de azulejos delimita as superfícies fronteiriças do banheiro. O espelho retangular em formato 20,3 x 25,4 cm disposto acima da pia, onde o velho se espelha qual fotografia desbotada. Uma ruga, duas rugas, outra ruga. Cada vinco de sua face leva um nome e tem história. Ele pode nominá-los como aos trópicos, como aos polos ou a outros importantes meridianos. Como as crateras da Lua, aquelas da sua face. "As above, so below." O rosto envelhecido, sua geografia mais íntima.

No canto, o pequeno box do chuveiro, com queda para o ralo. Estupefato, o velho fita lá, bem no canto, naquela quina do nada, o verde louva-a-deus. E ele ora. Noooossa!

Nem toda a vida dedicada aos inventários de terceiros. Nada disso. Disso ele herdou tão somente o direito ao dia seguinte. Nada disso. Numa curva suave do hemisfério direito de seu cérebro. É lá onde se encontra o maior dos tesouros, todos os seus sonhos, a memória, registros remotos de sua ancestralidade. O velho sorri.

Nesta noite ele desiste do banho. Deita-se sobre o colchão. Fecha o corpo sob o cobertor como se bate a porta. Daí a ideia a transmudar-se através dum remoinho para a melodia doce duma vida. Escorrer por toda a 373rn1d4d3.

O problema dos robôs

Não tenho nenhum problema com o método científico ou com o pragmaticismo.

Eles são até bonitinhos: não cheiram, não fedem, nem soltam as tiras.

Protegem-nos de grandes viagens na maionese. Embora uma ou outra, vá lá, é o tempero da vida.

Afinal, nascemos pelados, carecas, banguelos e não sabemos sequer a razão disso.

Há problema quando o investigador passa a fazer vistas grossas a toda e qualquer variável que foge a sua compreensão.

Esta pessoa v4i gradu4lm3nte p3rd3nd0 a su4 hum4 n1dad3, 473 7r4n5f0rm4r-53 1n739r4lm3n73 3m 4u70m470.

E o problema dos robôs é que eles não pensam; você sabe. Eles apenas reproduzem rotinas pré-estabelecidas. (Você sabe?)

3 p0r 1550 qu3 3u 73nh0 p3n4 d05 r0805

Lua e Terra

A Terra e a Lua são os corpos celestes mais próximos de nós mesmos.

Muito se especula sobre a formação destes astros.

Existem inclusive teorias contraditórias.

Ainda assim um grande número de cosmologistas dedicou

(e outros tantos dedicarão)

a melhor parte dos seus dias

a desvelarem destes mistérios da natureza.

Certo é que a Lua e a Terra interagem entre si em diversos sentidos.

E apesar de seus comportamentos distintos,

compõem no céu uma dança,

espécie de bailado sagrado

através do qual, sem sombra de dúvida,

agregam propriedades que os fortelecem.

Graças à Terra nossa lua é a Lua;

e graças à Lua este planeta é a Terra

– tal e qual a conhecemos.

Considerando o tempo de vida médio do ser humano,

as causas que levaram estes corpos celestes à composição

na qual eles nos apresentam

tornam-se pouco,

talvez até irrelevantes.

Sensibiliza-me mais a suavidade,

a poesia,

a cumplicidade dos movimentos.

Quero amar-te como a Lua e a Terra se dão.

Viveremos os dias,

sonharemos as noites,

a fluidez de cada revolução.

Contato

A solução de muito problema complexo requer um árduo caminho preparatório, determinado e pré-estabelecido pelas intrincadas sendas da razão. Outros parecem dar-se de maneira diferenciada, mais a semelhança da ruptura com uma antiga percepção ou realidade inerte: é como o fruto de uma mangueira, a desprender-se pelo próprio peso, no instante devido, para a sua providencial serventia como alimento aos pássaros.

Antonio olhou para o alto, depois para baixo, e prosseguiu caminhando pelo calçamento à margem da rua estreita de paralelepípedos. Duas quadras apenas separavam o escritório de seu destino. Um procedimento aparentemente banal: caminhar despretensiosamente pela calçada àquela hora da manhã, com o sol incidindo a setenta graus em relação ao corpo franzino, disposto verticalmente. Sombra. Mas tratava-se antes de um evento cíclico, porém de periodicidade variável. E talvez fosse essa inconstância (ou variabilidade temporal) que iludisse Antonio quanto à relevância naquilo que o movia.

Chegando aos Correios, ele cumprimentou o atendente que já lhe era familiar. Olhou para o alto, depois para baixo. O funcionário fingiu não atentar ao cacoete. E Antonio relevou ante a curiosidade recalcada do atendente. Este tratou do despacho de rotina: as verificações do destinatário, remetente, peso e custo. Antonio pagou, olhou para o alto, depois para baixo. Então o atendente, de ar mexeriqueiro e forjando certa intimidade, questionou-o com relação ao conteúdo de tais correspondências.

Foi daí que Antonio lhe disse sobre a existência daqueles cadernos, cujas inscrições em signos evocavam aos

descaminhos erráticos da civilização. A panfletagem subversiva a ordem estabelecida pela rotina e pelo conformismo. Problemas irresolutos; tencionavam romper a circularidade cristalina das horas puras (porém vazias) dos dias. Eram esses os tais cadernos, enviados aos destinatários, nem sempre conhecidos. Mas cada sectário comungava, a sua maneira, daquele levante, apresentando diferentes graus de afinidade ao movimento. Os signos viriam (ou não) a ser desvelados um dia, profetizou. Como a gestação do cérebro em duas metades duma semente, tendo por objetivo a luminescência quando propriamente ligado ao coração.

Antonio olhou para o alto, depois para baixo. Então prosseguiu: maldita a hora que fui lhe dizer isso! Era como se, num átimo, ele houvesse sido impelido através de um duto conectando um lado a outro. Condensação de nuvem amorfa das ideias precipitando súbita a compreensão. Cuidado, isso pode ser contagioso! Ele disse ao atendente.

* * *

Ele chegou em casa a noite, depois de mais um dia como outro qualquer. Beijou a mulher na boca e também a fronte de cada uma de suas duas filhas. Teria sido mais do mesmo não fosse um sutil acréscimo na intensidade dos gestos. A mulher lhe indagou: Como foi o seu dia, querido? Tudo na mesma lá nos Correios.

Um remoinho girava em sua cabeça; e ele olhou para o alto, depois para baixo.

Da arte-manha felino querubim

Um plano secreto entorpece os intentos
se três gatos em diferentes pontos cochilam.
Esta é implacável aritmética felina.
E não me admira que de minha rede
eu sinta o sono deles escoar pela tarde.
É questão associada à preguiça do Sol.
Dela desenvolvo a equação: da rede não caio,
ela me sustenta.
As ondas sonoras viajam pelo fio.
E eu não caio nessa do ar leve
que o rarefeito das ideias
não conduz.
Ligados a Terra.
Raízes, rastros, pegadas
espalham-se firmes, profundos,
mesmo sob condições adversas.
Mas a gravidade não abala,
não impõe restrição ao movimento.
Em última instância a esfera celeste
flutua ao vento.
Sem pressa, espera de nós
o milagre da vida, que bela,
bate à janela pela mão dum jasmim
a invadir o teu quarto
em cheiro
– se quer o bem.

O.cul.osa

Quando os estranhos fenômenos começaram a se reproduzir, ou melhor, quando se renovaram nestes últimos tempos, suscitaram antes de mais nada a dúvida. Sobre a sua realidade e mais ainda sobre a sua causa. – Allan Kardec, O Livro dos Médiuns, Capítulo IV, Sistemas.

Encho o copo que foi de requeijão com água da rua. Jogo dentro o comprimido de laranja. Ele afunda e as bolhas de gás carbônico começam a subir. Boto o copo no parapeito da janela. O comprimido de vitamina C. A que ponto cheguei, este é o meu último alimento.

Dos cinco sentidos foi a visão que fez sua a arte. Comecei a ver mais cores onde elas haviam, mais cores nas cores, menos vida onde há pouca vida, com mais intensidade onde há a intensidade. Àquela mudança súbita, sobrevieram os borrões ou as manchas, incialmente na forma dos discos, depois de elipses, que passavam lentas em minha vista. O olho direito era o sensitivo, o olho esquerdo, o racional – como se fosse o previsto.

Mas nunca, nunca mesmo, imaginei desenvolver este sentido sobreposto ao visual, quando começaram a tomar conta as formas das criaturas da noite, a ditarem-me estranhos manuscritos, a semelhança deste. Isso, por si só, esvaziava-lhes o propósito. Ainda assim, eu a dá-los ouvido, e fazia isso a olhos vistos.

Passaram a inferir sobre os meus pensamentos com suas ações, bem ao modo do início do cinema, quando eram apenas sopradas as sombras às paredes, mudas. Com seus movimentos lentos das ideias, da redução pela lambedura da

pelagem, a silhueta de um gato, na imagem de fundo, o carimbo dos infernos.

Caí de febre, deixei o trabalho, deixei a visão de fundo tomar conta das decisões. Como um velho aparelho televisor, o meu corpo. Sexto sentido. Nunca me achei louco, agora já não trago comigo certezas. Não é devaneio, sou eu mais a visão de fundo, lenta das ideias, cinco sentidos, mais um. Salto e não alcanço o alto da geladeira. Não sou um felino.

Tomo rápido o conteúdo do copo – anestésico; mortal – enquanto ainda tem bolhas. Eu acredito nas bolhas associadas de alguma forma à vitamina C. Este é o meu último alimento, antes da minha morte. Deito na cama, fecho os olhos, este é o meu suicídio.

Noutro dia, seguido da noite: embaralho a vista, o.cul. osa, tente de novo, oclusão, me diz o oftalmologista. Você vai ficar bom.

Botânica Poética

Queria um poema simples
Então deixei o nó no peito de lado
Como a gravata abandonada sobre a cama
Ouça: não é meu o perfume, vem daquela flor
Mas eu o sinto
Dependurei o casaco no cabide
Não há razão para eu me proteger
Se de meus pontos cardeais vazam
A seiva pura em planta
Meus filhos, tudo o que eu quis dizer e não disse
Guardei nas palavras para esses versos
Os pássaros já não bicam minha alma
Tenho próprias as asas da imaginação
As luvas eu não sei delas
Tampouco me importam
Não tenho mais de manusear espinhos
Nessa lavoura sem enxadas
Se os ciscos ofuscarem tuas vistas
Hei de soprá-los para longe
Com a suavidade da brisa
Para que novas em folha
Possam apreciar plenas
Estas vastas paragens
Elevadas de poesia

Íris

faltam-me certas palavras e as letras exatas para expressar o que não é de hoje e as eras insistem colapsar ao instante em que rosas no deserto perfumam o éter traspassado pela coroa de luz como um feixe de espinhos atados a comprimir o vão em meu olho e dele corre uma lágrima ela não volta as lágrimas não retornam (ou-viram?) são irreversíveis quando vertidas de dentro agora quem vai secar a lagoa dessa tristeza em tudo que vejo amor?

À semelhança das estrelas

O quotidiano esvazia as expectativas do mágico.
Repousa no condicionamento as potencialidades da vigília.
Desperta do sonho!
O sábio se vale tanto dos dias quanto das noites,
na mesma medida.
Cada grão da ampulheta abandona a inércia para o próprio movimento.
Faz valer o fluxo de energia que anima tua carne.
Usa das dobras do tempo para coser a realidade:
vibra as ideias na frequência de alumiar o breu
dos dias.
salertse sad açnahlemes À
.etion an
Almeja o efêmero da centelha,
não deixa as rochas inertes,
acumularem lodo.
.orpos mu é adiv A

Mau juízo

Não dou bola para as pessoas do prédio onde eu moro. Elas não são confiáveis.

As pessoas, do prédio onde eu moro, pensam que tenho uma vida social ativa, muitas amigas e amigos.

Entretanto, essas mesmas pessoas, do prédio onde eu moro, ignoram por completo minha exímia habilidade gastronômica. Elas também não sabem que divido meu pequeno apartamento com uma estátua em escala de redução 1:3 de Virgulino Ferreira.

Algumas dessas pessoas, do prédio onde eu moro, simplesmente desconhecem que Virgulino Ferreira foi um grande mestre na empunhadura de seu facão. É exatamente por esta sua qualidade, dentre tantos defeitos que lhe são atribuídos, que admiro Virgulino Ferreira.

As pessoas, do prédio onde eu moro, nunca viram uma única criatura, senão eu, deixar o apartamento.

E eu, só engordando.

Daí os malentendidos…

Virgulino Ferreira é mudo e não dá com a língua nos dentes.

Não vá, você, fazer mau juízo.

As pessoas, do prédio onde eu moro, nunca me viram entrar acompanhado.

Ex-istir

obei johei dédalo azul
formaes fé rica tamanha
ossete maresa aha-bi
tarlhe asu perficei
ter rasal picada desang, eu
arege nerar seterna
eiso mi lagre
desdalo venim possível
fa zerpar tedela
são sanos mis

o beijo hei de dá-lo azul
forma esférica tamanha
os sete mares a habitar-lhe a superfície
terra salpicada de vida
vida verde, vida de sangue
a regenerar-se terna
eis o milagre
desvendá-lo impossível
fazer parte dela
nossa missão

Lapso da consciência

Reconheço o que escrevo demais. Sempre então, quando pego num pedaço de papel e caneta, saio. Se rascunho o quanto e na forma do que eu acho, encontro em minhas idéias o que realmente penso. Toda a vez que eu me confundo: sou humano.

Minante

Os movimentos em defesa das minorias
– as causas perdidas –
geram discussões acaloradas
enquanto os grandes se alimentam dos pequenos,
usando-os como palanques,
espezinham-lhes em busca do brilho de holofotes.
E fodam-se os índios
que precisam das barcas para chegar ao trabalho,
fodam-se os pobres,
os sem saúde
e todos aqueles sem acesso à educação.
Se você não escreve direito
ou não tiver nascido em berço esplêndido
não tem vez.
Essa última inclusive é a
condição
de ter minante.

(h) hit das ideias

poder na rede
(h) hit das ideias
essa é a experiência
com transmissão simultânea
pensamento
numa ortogonal dos neurônios
dj de próprio ritmo
hit das ideias
33 rotações por minuto e um terço
sobre elas quase nada digo
a mente escapa rente
história de intrincado enredo
bom é p(h)oder na rede

Da simbiose imperfeita

Nada ao que digo. Parece não lhe fazer sentido. Por isso boia, inconstante: o desejo de aproximação e de repulsa simultâneos. Assim mantemos a distância segura dos indecisos, subjugando-nos aos caminhos escusos das presas em potencial, ou ao olhar aguçado da ave de rapina – a perscrutar do cimo – quando, em verdade, tudo o que subsiste é o amor e a entrega. A vida não volta. Ela passa rente às retinas, numa sucessão rápida de imagens difíceis de apreender. É porque não mergulhamos o suficiente além da superfície para compreendermos da essência. Ela pulsa submersa, latente nas ideias, que ficam a especular sobre aquilo que não foi, sobre o que poderia ter sido ou mesmo o devir. Mas somente quando tivermos firmeza e segurança de sermos nós mesmos, sintonizados à frequência do sentimento profundo, da verdade interior de cada criatura, seremos heróis na aventura do viver.

pois caga
e come desses dejetos servidos aos brasileiros
mastiga bem
para a boa digestão
para não ferir a camada de ozônio
para um processo com certificado verde
para a estética saudável ao maximizar toda uma vida de bosta
e engole sem fazer cara feia
sorrindo para a câmera da tv
a história sempre foi (sempre será)
escrita pelos demônios que se vestem de branco
na expansão inconsequente do vazio
– espaços ermos

ou então:
vá para o campo de batalha
se para isso lhe forem caros
os dentes

Borboleta azul

"– Jamais dei um passo nesse sentido e aqui estão os motivos de minha indiferença." Allan Kardec

os planetas desabaram
o céu colapsou
dobrou-se
quando encontrei em Águas da Prata
a borboleta azul
perguntei-lhe qual o segredo
para do minúsculo da sombra
extrair plena a luz
ela me disse que do xixi do grilo
advinha a energia
para o brilho vistoso
elegante
ou voo ziguezagueante
o flanar solto
ao sabor do vento
bom
eu lhe perguntei se eu sorvo dele
de canudo
o que me acontece então
ela gargalha
(já ouviste o riso da borboleta?)
deixe de ser tonto
asa é pra quem tem
imaginação

"Textículos", macadâmias e pêlos

Mudança de comportamento

Haverá vida depois das seis? Há quem diga que, de fato, aconteceu. Era começo de noite quando aquele brilho estranho no céu, como um relâmpago muito intenso, teria invertido o sentido de rotação em todos os níveis das esferas. Algebricamente isto até seria viável num delta de Dirac. Mas daí até acreditar, só vendo. E assim, desde o ciclo lunar, passando pelo movimento dos planetas ao redor do sol, e mesmo as ínfimas rotas probabilísticas de elétrons em torno de massas atômicas concentradas em prótons e nêutrons – ainda que sujeitas as eventuais emissões de fótons – teriam sido afetadas. Confesso que nada percebi. Eu bebia e fumava demasiadamente. Não preciso dizer tal foi o meu espanto. A loucura e a chapação.

O que te espera depois de nascido

Prefiro fingir de mudo. Forjar que não estou ouvindo. Que não posso mais comer, que vomito tudo. E vomito ainda mais do que comi. Estou morrendo e não é de hoje. Só peço um pouco de paz para eu deixar de ser gente. Um copo com água. Charutos de boa qualidade e bocetas em fartura. Estou morrendo e ninguém vê isso, enquanto chupo os peitos saudáveis e meu pau duro entra e sai viril das vaginas. Estou morrendo e não é de hoje que eu vomito, que eu cago e que eu mijo. Não é de hoje que eu peido. Prefiro fingir que não sinto o cheiro. O que eu quero é ficar na minha. Prefiro fingir de cego. Não escrever a próxima linha.

Entre marido e mulher

Desculpe amor, sem dinheiro no bolso eu não posso partir. Comerei da tua comida, você vai lavar as minhas roupas e vai ter de dar para mim. Sei que você merece muito mais que isso. Mas não tenho dinheiro e isto é tudo. Você vai ter que aturar o meu mau humor constante, o cheiro de álcool e os palavrões. Meu amor, você tem o direito de chorar baixinho, de rezar para todos os teus santos. Enquanto eu o direito de te cobrir de porrada, de comer o seu cu e de beber cachaça.

Amanhã vou sair na noite

A dor que sinto vem do coração partido. Faz-se sentir através de ampla e complexa rede de neurônios. Estou em busca de alternativas. Mesmo que eu desviasse o fluxo da aorta em safena. Mesmo que drenasse todo o veneno incrustado nas plaquetas. Mesmo que fosse possível dissolver o colesterol a laser. Não implica que eu dormiria tranqüilo. O trauma e o vazio ainda estariam lá. A dor do amor. Quem sabe um eletrochoque, o cheiro do couro cabeludo sendo queimado? Camisa de força, um sanatório e o tratamento a base de injeções de drogas tarja preta? Quem sabe um abismo bem alto? Para um novo amor.

Slow dying

Se você continuar agindo assim, vai morrer. Não existe morte mais lenta que levar essa sua vida saudável.

Sonho do fumante insone

Estive pensando em ir embora. Já é tarde e a tendência é da madrugada avançar ainda mais adentro. Engolindo o mundo sem piedade. Todos os meus monstros já foram dormir de

tão velhos que são. Insisto em mais um gole para provar que é possível. Insisto em mais um tapa no cigarro. E numa hora dessas toda uma vida se resume nisso. Muito pouco faz sentido. Procuro a saída improvável da realidade. Prender a fumaça para dar mais pressão. Soltar a fumaça em círculos.

Macadâmias

Estes grãos não soltam pelos.

Movimento

bem-vindo ao movimento
o nosso mantra é – \ | / –
eleve suas preces ao – \ | / –
o deus – \ | / – o acalentará
– \ | / – para o alívio de todo sofrimento
você só tem de pagar o dízimo para manter o – \ | / –
arrebanhar novos devotos ao – \ | / –
mesmo sabendo que o – \ | / – não é eterno
e que um dia quedará
.
ainda assim
– \ | / –
.
– / | \ –
vale a pena

Sob o mesmo céu

Ele dizia que a cidade grande não passava de um amontoado de braços, de pernas, de passos apressados em incessante movimento por entre as vias de piche. Dentro das enormes caixas de concreto, acondicionados às mesas das repartições, repousavam os corpos, com os dedos indicadores de suas mãos direitas a clicarem frenéticos os mouses, os olhos fixos no monitor. E resultaria daí a suspensão temporária da vida.

Dentro das barcas – ao sabor das ondas – ou ainda no sacolejar de velhos ônibus enferrujados, a rotina do transporte para a manutenção da metrópole, como que o fluxo sanguíneo a oxigenar um gigantesco organismo, nesse nosso eterno ir e vir.

Ele me disse que a vida – a verdadeira vida – habita os interstícios desse complexo de concreto e piche. Ela reside nas fendas. No burburinho às portas estreitas do botequim; a gargalhada sincera no bate-papo dos camaradas; na algazarra das crianças, brincando inocentes na areia da praia.

Expurgou as suas dores, contou dos seus amores, alguns temores e outros sonhos. Tudo isso ele despejou em meus ouvidos num breve instante; desses raros, nos quais a vida mostra-se plena. E não recordo ao certo onde foi que nos falamos; se o sol estava a pino, se fazia noite escura como o breu. Importa que aquela ideia fez com que eu refletisse. Estou vivo.

Ideação mental do símbolo

O yin-yang é antigo símbolo caracterizado por uma figura plana representando duas gotas complementares – uma negra (o yin) e outra branca (o yang) – cujas fronteiras externas definem uma circunferência. A figura transmite a ideia de movimento, estando as gotas justapostas direcionadas num mesmo sentido de rotação em relação ao centro.

Há ainda dois pequenos círculos, cada um deles disposto no quarto frontal ao longo do comprimento da gota; um pequeno círculo branco no yin (negro) e outro pequeno círculo negro no yang (branco). Diz-se que estes pequenos círculos remetem ao simbolismo de que o yin nasce do yang, e vice-versa.

Este símbolo representa, portanto, não um objeto estanque ou coisa inerte, mas sim um processo circulatório, fluido e ininterrupto – havendo inclusive trocas entre estes dois pólos.

Imagine o yin-yang agora não mais como uma figura plana, mas sim uma esfera cujas gotas complementares estão mapeadas sobre a sua superfície.

Nessa ideação mental, tridimensional do símbolo, os pequenos círculos opostos (dispostos nos quartos frontais das gotas de outrora) já não são mais círculos. São remoinhos ou vórtices gerando duas concavidades opostas na superfície; e esses dois remoinhos vão se encontrar no ponto central do yin-yang tridimensional.

Observe que a figura geométrica resultante desse exercício da imaginação é ainda uma única superfície, não mais bidimensional, mas que pode ser descrita valendo-se de três dimensões.

As trocas entre yin e yang são representadas agora pelos dois vórtices, para os quais podemos nos valer da analogia de uma supernova interior ao yin (princípio destruidor) e um buraco negro interior ao yang (princípio construtor). Exatamente no centro desse símbolo geométrico temos um ponto de singularidade (ou horizonte de eventos) entre os polos – remetendo ao criativo, a alternância de um estado ao outro, pelos remoinhos, novamente um processo circulatório (e não um objeto inerte ou coisa estanque).

Existe também uma borda contínua para esta superfície yin-yang tridimensional. Esta é caracterizada pela curva de interseção entre as gotas. Podemos imaginar essa linha de fronteira da dualidade, onde os opostos tentam se acomodar dinamicamente.

Será que essa linha de fronteira representa o plano físico (universo consciente)? Será que a superfície yin-yang tridimensional serve de modelo para o plano astral (universo inconsciente)? E será que o ponto de singularidade poderia ser uma idealização do plano causal (universo criativo)?

Os extraterrestres

Cabeças dando as cartas do destino.
Pensam que estão com tudo
quando se entendem.
Em meio ao remoinho de ideias,
miríade de traquinagens,
nem se apercebem.
Entrementes a estas cabeças
(dur45)
estranhas criaturas
observam.
Para um dia desfazerem o novelo de forma humana,
no sentido exato do compadecer-se,
que o uso tão frequente do prefixo
des
fez questão de obscurecer
de nossos lábios.
Tornamo-nos sombras,
formas puídas de nós mesmos.
Mas isso não prevalecerá.
Perceba…

Nas trilhas da Mantiqueira

/\ não siga-me /\ a senda é longa /\ e o banco do carona leva ao devaneio /\ dos meus remoinhos /\ eu bem sei /\ a sanidade não é digna de respeito /\ valei-me Pai /\ daquela ladainha /\ se sou filho do pecado /\ então toma esse fardo teu /\ em frangalhos e a tua semelhança /\ homem, mulher, criança /\ escolhe do universo inteiro /\ girafa, macaco, rinoceronte /\ não há pescoço que aguente /\ tão dura e pesada cabeça /\ é descabida a ignorância /\ ocupar a mente nos animais /\ desacredito da ciência /\ do governo e da televisão /\ explica o que eu tenho de fazer /\ mas não ouve se eu não disse que vi /\ para concluir depois eu mesmo que não /\ nem busca resposta imediata /\ na ponta da língua /\ decorada /\ sem a necessária reflexão /\ não valeria a pena /\ do alto exercício da profissão /\ de um Deus /\ deixá-los imperfeitos /\ sem pistas sob um céu de estrelas /\ qual migalhas espalhadas de miolo do pão /\ não as abandona amanhecidas /\ pois /\ traiçoeiras as pegadas /\ do demônio de plantão /\ segue só a trilha /\ os pulmões preenchidos de sereno /\ no momento certo /\ coragem /\ faz bater forte /\ um coração /\

Levitate

"Sonhos e realidade. Data estelar: Mercúrio e Netuno em quadratura; Lua cresce em Aquário. Para efeitos cósmicos, é irrelevante que Tu te esforces em distinguir teus sonhos daquilo que chamas de realidade, pois teu ser permeia todas as circunstâncias com a imaginação. As coisas de tua vida não são coisas, são representações, são significados, são cabides de tuas fantasias e imaginações. Por isso, como podes Tu pretender que haja diferença entre o que chamas de realidade e teus sonhos? O que sobraria dessa realidade se repentinamente todos teus sonhos desaparecessem? Sobraria apenas tua perplexidade, um vazio existencial do tamanho do Universo. Sonha, faze isso sem pudor nem temor, entende de uma vez por todas que teus sonhos dão vida à realidade, que isso não é alucinação, mas um poder que nossa humanidade utiliza de forma constante sem sequer conhecê-lo inteiramente." Oscar Quiroga

Hoje vou escrever sobre uma história que apenas quem me conhece bem de perto – os meus pais, a minha namorada – já me ouviu contar. História com h por se tratar da narração de fatos, acontecimentos ou particularidades relativas a um determinado assunto; acepção de número oito no nem tão "Novo Dicionário Aurélio", 1975.

Decidi fazer isso por ter lido um trecho anteontem num livro que me impressionou muito, dando-me coragem. E já está mais do que na hora desse tipo de acontecimento deixar de ser tratado como tabu. Afinal, exemplos existem aos montes, nas mais variadas áreas do conhecimento desde Jung até o sonho de Kekulé.

E esta é a minha história: eu fiz a graduação em engenharia mecânica, engatei um mestrado na sequencia para aprender mais sobre o método dos elementos finitos, um assunto pelo qual me encantei desde o primeiro contato.

Explicando de uma forma simples, trata-se de um procedimento matemático usado para resolver problemas complexos da mecânica aplicada para os quais não temos a solução exata, valendo-se da representação por um modelo computacional composto de elementos mais simples, para os quais a resposta é conhecida.

Ainda está difícil? Eu sei que está. Então vamos lá de novo. A gente pode calcular a complexa estrutura metálica de um avião representando-a por tijolinhos. E daí, como a gente conhece o comportamento físico dos tijolinhos (ou elementos finitos), então a gente pode descobrir se o avião aguenta as cargas de voo e pouso para as quais ele está sendo projetado, onde dá para aliviar peso da estrutura ou onde esta precisa ser reforçada.

Eu sei disso porque trabalho com estruturas aeronáuticas há quinze anos. Eu sei, pode parecer loucura, mas eu gosto do que faço. Mas esta é outra história. A história da gênese do Método dos Domínios Pontuais ou simplesmente MDP, como eu decidi denominar.

A minha família é simples e meus pais custearam com dificuldades o ensino particular meu e do meu irmão em São João da Boa Vista – primeiro no Externato Santo Agostinho e depois no Colégio Orion. E depois ainda a nossa moradia na cidade de Campinas, para curtirmos em tempo integral a Unicamp do início da década de noventa! Sei do esforço que fizeram por nós e lhes sou muito grato por isso.

Naquele ano de mil novecentos e noventa e cinco eu estava na metade do mestrado, trabalhava num problema aplicado a bomba injetora Bosch para motores a Diesel e havia real possibilidade de terminar o mestrado, deixar de viver das bolsas de estudos e conseguir o meu primeiro emprego lá. Na verdade, já estava passando da hora de eu desmamar da universidade; mas a gente sabe, são tortuosos os caminhos dessa vida.

E foi então, numa dessas viagens na maionese, que eu comecei a pensar: por que a gente precisa usar esses malditos

tijolinhos (elementos finitos) se quando eles se deformam muito perdem a capacidade de representar os fenômenos da natureza? Por que não representar as coisas por uma nuvem de pontos se somos constituídos de átomos, de moléculas com prótons e nêutrons com elétrons a girar ao redor destes, como as estrelas do céu noturno? Putz, que loucura!

Então eu fui ter com o meu então orientador sobre estas minhas "questões" e ouvi dele o meu primeiro sonoro não. "Se você quiser fazer doutorado comigo tem de continuar os estudos que começou e eu não tenho o menor interesse em investigar esse tipo de ideia." E assim fui ouvindo outros nãos doutros professores da engenharia mecânica e da matemática – vejam onde é que eu fui me meter, um cara tão normal como eu.

Até que eu conversei com o professor Renato Pavanello do Departamento de Mecânica Computacional da Unicamp, uma pessoa muito bacana, que me ajudou muito na parte final do trabalho e a quem sou muito grato também. E ele me disse: "Cara, essa coisa de pontos é meio esquisita, eu não entendo muito disso, mas recomendo que você converse sobre isso com o professor Iguti, lá do fundo do corredor."

Figura estranha aquele descendente de japonês baixinho, com uns óculos arredondados e vasta cabeleira grisalha. O professor Fernando Iguti era formado em engenharia aeronáutica pelo ITA e doutor pelo afamado Imperial College de Londres. Por muitos considerado um gênio e também pessoa de grande humanidade, caráter e simplicidade. E, vale mencionar isso, eu considero o Iguti a pessoa mais inteligente que tive a oportunidade de conhecer pessoalmente (até hoje). Ele me disse: "Você deve ser meio maluco, eu não entendo direito o que está falando, mas esse treco – ele gostava de usar a palavra treco a torto e a direito – me parece fazer algum sentido." E me deu o seu primeiro conselho: "Pára de pensar nisso e termina o seu mestrado. Daí, depois, eu posso sim te orientar no doutorado."

Ei você, não dorme não! É agora que a história começa, é isso que eu nunca expus publicamente: eu durmo muito. Preciso de umas nove horas de sono por noite. Naquela época, principalmente nos três primeiros anos do doutorado, de 1996 até 1998, era muito comum eu sonhar que estava sendo ensinado sobre o Método dos Domínios Pontuais. Mas que porra é essa?! Isso mesmo, sempre que eu enfrentava uma dificuldade nas minhas pesquisas, era batata: à noite eu dormia e sonhava estar numa pequena sala, com uma mesa, cadeira de um lado e cadeira do outro, de frente para uma pessoa que eu nunca consegui identificar o rosto e essa pessoa me explicava como eu devia proceder. No outro dia pela manhã eu só precisava decodificar o sonho, botar em equações as ideias, programar no computador e voilà… o treco funcionava!

Lembro-me desses anos maravilhosos com grande entusiasmo. Eu encontrava-me com o professor Iguti toda a sexta-feira às duas horas da tarde. Então eu contava para ele o que eu havia feito ao longo da semana. E ele era espécie de advogado do diabo oops, perdão, advogado dos elementos finitos. Ele me dizia: "Tudo bem, com esse seu treco dá pra resolver esse problema; mas com elementos finitos da pra fazer isso, aquilo e mais aquilo outro! Será que esses seus domínios pontuais também conseguem fazer isso?" E daí pronto… estava com a cabeça cheia de problemas para mais uma semana.

O professor Iguti tinha um hábito estranho. Quando terminávamos as nossas reuniões de sexta, ele punha uma única bala japonesa sobre a mesa, bem a minha frente (ou não). Era a forma de ele dizer que estava satisfeito com os progressos da semana. O que ele não sabia é que eu tinha esse meu outro professor, que a noite me ajudava com as questões às quais estava ocupado. E quase sempre eu levava a bala japonesa para casa.

Já mais para o final do trabalho o professor Iguti me disse que eu precisava ir à biblioteca, que eu precisava ler uns artigos, porque precisava ao menos de uma revisão bibliográfica para

a introdução daquele treco que eu estava inventado. Eu nunca pensei assim. Sei que eu trabalhei muito, que eu fiz por merecer, mas eu não inventei nada. Eu era um decodificador de sonhos; eu botava no papel as equações e testava-as no computador. Elas simplesmente funcionavam como deve ser uma forma eficiente de se representar os fenômenos da natureza.

Bem, essa é a história do MDP. Acho que por isso, logo na primeira frase dos agradecimentos, eu escrevi em minha tese: "Agradeço, acima de tudo, a Deus, pela Sua inspiração e proteção."

O ano era 1866: "Aos 62 anos, Kardec queria acelerar o trabalho, lançar novos livros e fazer novas revelações antes que fosse tarde demais e seu tempo na Terra se esgotasse. Um engano, segundo o porta-voz dos espíritos:"

"– De que serve correr? Não te dissemos muitas vezes que cada coisa virá a seu tempo e que os espíritos prepostos ao movimento das ideias sabem fazer que surjam circunstâncias favoráveis?"

"Para não correr o risco de ser punido por 'suicídio involuntário', Kardec rendeu-se ao descanso e, na noite de 24 de abril, foi surpreendido por um sonho misterioso."

"Ao passar por uma rua desconhecida, deparou-se com grupo de homens entretidos com uma conversa quase inaudível. No canto de uma parede, logo atrás, viu uma inscrição com letras miúdas, brilhantes como fogo, que se esforçou para decifrar: 'Descobrimos que a borracha enrolada sobre a roda faz uma légua em dez minutos pela estrada (…)'."

"A frase foi desaparecendo, pouco a pouco, antes de Kardec ter tempo de concluir a leitura. Ao acordar, ele trazia uma série de interrogações:"

"– O que significaria aquela borracha capaz de fazer uma légua em dez minutos? Seria a revelação de alguma nova propriedade desta substância? Ela desempenharia algum papel na locomoção? Querem pôr-nos no caminho de nova descoberta? Mas por que, então se dirigiram a mim, em vez de a

especialistas, com tempo para realizar os estudos e experiências necessários?"

"As respostas viriam do além. Não através do sumido Espírito da Verdade, mas em nova mensagem assinada pelo médico Demeure:"

"– O que vistes são encarnados que se ocupam, em diferentes partes do mundo, de invenções destinadas a aperfeiçoar os meios de locomoção. Uns têm pensado na borracha, outros em outras matérias. Mas o que existe de particular nesse sonho é que quiseram chamar-vos a atenção, como objeto de estudo psicológico, para a reunião, num mesmo lugar, de espíritos de diferentes homens dedicados ao mesmo fim."

"Estas reuniões de trabalho aconteceriam com frequência quando os homens deixavam seus corpos, durante o sono, para se encontrar, em espírito, em diferentes pontos do planeta. Ao despertarem depois destas longas confabulações sobre descobertas e invenções em comum, voltavam a desenvolver suas pesquisas, longes uns dos outros."

"Kardec revelou seu sonho em reportagem na Revista Espírita."

"Premonição?"

"Não. Para os adversários, mera ignorância. Em 1840, Charles Goodyear já descobrira o processo de vulcanização da borracha; cinco anos depois, os irmãos Michelin patentearam o pneu para automóvel; e, em 1847, Robert Thompson inserira, pela primeira vez, câmaras de ar em pneus de borracha maciça."

"Revelação?"

"Sim, de acordo com os aliados. Afinal, só vinte anos depois deste sonho, a partir de 1888, o pneu passaria a ser fabricado em larga escala na Europa e nos Estados Unidos."

"Nem mesmo em sonho Kardec estava livre de polêmicas." – Trechos extraídos de 'Kardec: a biografia' de Marcel Souto Maior, Record, 2013.

Porque ainda sou criança procuro manter a mente aberta ao novo e os pensamentos elevados.

Palavras órfãs de poesia: o que restou

Então é domingo.
Pai, eu vou deixá-lo na sua solidão,
dormitando em frente da t.v.
Mãe, a bocarra escancarada,
o ressonar baixo, bíblia sobre o colo,
eu vou deixá-la na sua solidão.
Eu vou depressa,
pela estrada,
alcançar a minha solidão,
que já partiu.
O amor é uma casca de ferida espessa
que eu descolo da carne
com as minhas unhas compridas;
dói cada gota de sangue
que vaza.
Será que você sente
se eu destilar as minhas palavras
órfãs de poesia?
Bem do fundo dessa tua cachola,
você e eu sabemos da farsa,
arquitetada por nós mesmos,
de nossas tolas solidões.
E tudo isso é muito pouco,
para quem é poeta,
o seu abridor de latas não resolverá
a minha equação transcendental.
Posto o início, o exposto
e o que restou.

Noite

Fazia um dia de sol na praia. Eu era um adolescente de uns dezesseis anos e estava junto de três outros meninos, todos na faixa dos oito anos. Brincávamos descontraidamente, conversávamos, jogávamos água com os pés uns nos outros. Eu tinha a impressão de ter responsabilidade por aqueles três garotos, como se eu fosse um amigo ou irmão mais velho.

Eu disse a eles que ficassem na areia enquanto eu dava um mergulho para refrescar o corpo. Mergulhei na água salgada e fui nadando em direção ao mar aberto. Gosto de ficar flutuando um pouco depois da rebentação. De súbito, fui puxado por uma corrente que me levava mar adentro. Tentei lutar contra a corrente, mas ela era mais rápida que eu conseguia nadar em direção a areia. Isso me deixou preocupado; mas preferi desistir da batalha e permanecer tranquilo, na superfície. Não dava para lutar contra aquela corrente. Percebi então que estávamos às bordas de um remoinho, uma gigantesca circulação d'água no sentido anti-horário, cujo raio era de aproximadamente cem metros. Escrevi "estávamos" porque havia outros banhistas naquele movimento circulatório. Havia também peixes, polvos, arraias, golfinhos – todos girando em torno do centro, no sentido contrário aquele dos ponteiros do relógio. A água estava muito límpida e a visibilidade era excepcional. Um espetáculo fascinante, e era estimulante participar daquela circulação d'água e de vida.

Observei um tubarão a minha esquerda, ele também era tragado pelo remoinho, estava a um arco de circunferência no sentido horário, atrás de mim. Ele se aproveitava da circulação para devorar pequenos peixes que encontrava pela frente, e ele nadava em minha direção. Isso me causou grande apreensão. Pus-me a nadar em disparada no sentido anti-horário,

contornando por fora e ultrapassando outros banhistas que também faziam parte da circulação. Eles não estavam nada tranqüilos, pareciam mesmo deseperados e isso piorava a situação deles; alguns lutavam para não se afogar, manter-se na superfície. Fiquei preocupado com eles, mas eu nada podia fazer: o tubarão estava vindo, eles serviam como obstáculos, escudo ou eventual banquete para a fera marinha.

De repente o nível d'água começou a baixar. Era diferente daquele efeito de um ralo: o remoinho estava se abrindo, a circulação líquida ficava à margem, deixando uma área central circular. Essa área lembrava o centro de uma vila do século dezenove. Tudo muito antigo, uma paisagem bastante verde e bucólica, característica do interior. Havia pessoas caminhando com trajes de época, usando chapéus. Havia algumas contruções singelas: algumas casas, uma igreja. Por motivo que desconheço aquela vila me parecia estranhamente familiar. Senti-me acolhido naquele local. Tive a sensação de uma viagem no tempo.

PS: Este texto é a simples descrição de um sonho muito vívido, que deixou uma forte impressão.

sex in a drive thru

o amor é a parte exposta da fratura
ela dói até a alma
para mostrar que tem dentro
um osso
nada corrói coisa dessa
acetona de unha é refresco
borbulhante
se o catchup é teu sangue
vermelho, pulsante, vivo
até o picante da mostarda
(qu)e com maionese
eu te (a)d(ev)oro

Tom Balladino

Entra pela porta do quarto com seu andar – e aquele olhar – apressado logo pela manhã. Salta sobre meu corpo que jaz sobre a cama, ainda meio dormente e com as vestes de dormir. Tom Balladino abraça forte, me enche de beijos, espanta meu mau humor antes mesmo que ele se manifeste. De repente estamos lá: brincando como se fossemos duas crianças. Ele gosta das carícias, das cócegas no seu corpo torneado e forte. Ri como ser pleno de certa felicidade, dessas bem meladas – dele transborda, escorre… Contagia.

Depois, apesar da mesa exageradamente farta para o desjejum, Tom Balladino alimenta-se de maneira frugal. Logo mostra o seu semblante disperso, a matutar os afazeres todos e as ocupações do dia recém-chegado. Fico a fitá-lo assim, distante em pensamento. Sinto-me só com ele. Rapidamente ele me deixa à mesa para se juntar aos amigos em suas atividades extenuantes. Assim preenche as necessidades de desenvolvimento e as múltiplas habilidades do relacionamento humano. Trabalho que só alguém como ele desenvolve.

Sei que sou apenas coadjuvante desta sua vida desvairada. Tom Balladino tem seu andar peculiar, leve, quase que corre andando (anda correndo, sempre que possível); e ele sabe que eu não agüento tanto. Organizamos um passeio em sua carruagem de cor roxa. (Ele diz que assim deve ser para espantar os maus espíritos. Eu acredito). O grupo de seis pessoas se acomoda. Deixamo-nos levar pelos causos do condutor Ligeirinho; pela potência do puro sangue de nome Maracujá. Divertíamo-nos muito com aquele mais chegado de Balladino, que insistia em chamar o cavalo de Mandioca. Ele deixava Ligeirinho – que estava na boleia – meio sem jeito.

Paramos no Jóquei Clube onde permanecemos alimentando as aves suntuosas – os colibris, os patos e os cisnes. Habitavam o lago de um verde único (verdadeiro) que fora cultivado e mantido ao longo de sucessivas gerações. Os sagüis também se nutriam das bananas que o próprio Tom descascava; ele as cortava e as deixava a mão de símios divertidos. Os seus malabarismos eram milagres do arborismo sobre o qual Balladino tinha vasta experiência e conhecimento. Orgulhava-se de discorrer longamente sobre o assunto, apontando e dando nome às manobras, para o deleite dos presentes.

O temperamento dele nem sempre me agradava, isso é fato. Muita vez Tom Balladino parecia atirado em demasia às suas convicções e ambições – como se o presente fosse a única condição do tempo existente (porém outrora o tempo se arrasta; mas sabe-se que às vezes ele voa). Seu imediatismo causava o desconforto que minimizava, em certo grau (embora não afetasse gravemente), aquela sua capacidade transcendente de entreter, de envolver, de seduzir. Era coisa dele ser ele mesmo, ou semelhante daquele cara. Quando se encontrava em condição de constrito lançava logo um sorriso chinês. Os olhos levemente alongados e um sorriso enigmático. E se a situação era realmente embaraçosa (ameaçava reduzir os seus desejos a pó) havia ainda a força de dizer um: – Por favor, com gentileza… qualquer pedido que se seguisse faria das mais obtusas restrições estilhaços improváveis de resistência.

Certa vez Balladino propôs um passeio (ou visita) ao topo da montanha mais alta das cercanias. E para isso lançaríamos mão de um mecanismo de transporte duvidoso, tipo ônibus, ou caixa de fibra de vidro, presa aos cabos e polias – teleférico para elevação das idéias (dos medos?). Forma de ver de cima as mesmas coisas. Um meio de decidir melhor. Muita discussão entre os amigos. (Eu a observar-lhes; mero coadjuvante). Não é que Tom debateu longamente sobre a

segurança, de modo a todos convencer? Pouco depois lá estávamos nós, aos pés do Cristo, dando vivas pela graça; pela vista privilegiada!

Numa dessas noitadas desvairadas fomos visitar amigo meu de longo cabelo branco. Sua casa aconchegante. Ele se valia de um forno a lenha para o preparo dos alimentos: da carne de vaca, passando pelo arroz, até o feijão com trambiques. Ofereceu-nos a aguardente. Cervejas da preta e da clara. Labirinto para os sentidos. Mas enquanto bebíamos e nos deliciávamos dos causos, Tom Balladino permanecia abstêmio. Dava-se por satisfeito com a guaraná caçulinha. Outrora coca-cola. Guardava sempre as tampinhas. Ele comeu um queijo achando que era boneco de neve. Primeiro a cabeça, depois o pescoço, lascas da barriga. Depois se rendeu: caiu num sono profundo. Nessa noite o levamos embora, carregado.

Ao dia de nossa despedida, Tom seguiu quieto, no banco de trás. O avião de brinquedo pela janela. Girava a hélice do monomotor tosco, de madeira. Ao vento do carro em velocidade. No posto desceram ele e o irmão. Fiquei a fitá-los; a observa-lhes a reação. Estavam felizes de rever a mãe. Entraram no carro dela. Deram-me beijos e abraços. Com os cintos já apertados. Do banco detrás Balladino me disse: – Tchau pai.

Acho que é por essa sua naturalidade, espontaneidade, inocência que admiro tanto Tom Balladino – meu filho de quatro anos – e ao seu irmão que leva o nome de um anjo.

f3

4 c4lm4 l3v3 d3 d35c0mpr0m1550
4 m473r14 qu3 d3r n4 73lh4
7r4nqu1l1d4d3

35p4c0
35p4c0
35p4c0

0 53u 50l
0 m3u 50l
1lum1n4 4 70d05 n05

Veículo sorridente para além-vida

As impressões são espólios do domínio da realidade a impingirem marcas às faces. Mesmo estas hão de se curvarem ante o escoar do tempo. Por isso, ama enquanto a vida te habita. O tempo – vento de grãos – a polir laboriosa e ininterruptamente a realidade da rocha. Assim: as faces transformar-se-ão em cadáveres, e a carne vincada (macerada) servirá de nutriente aos vermes; pois operam através de percepções concomitantes ao fluxo, as impressões. Não há maquilagem, silicone ou antioxidante que dê jeito. Da realidade última nada, ninguém escapa. Sã e salva é a criatura dedicada a uma estranha transcendência daquilo que é árvore. Da essência dela, extraído o tronco, trabalhado em abrigo ao corpo. Pensa no féretro como veículo para o corpo de além-vida. Tão somente isso. Pensa, a realidade é o que fica: daqui nada se leva. O amor distribuído em vida será a realidade dum sorriso; o ressentimento e o recato, gargalhada bizarra na boca do infinito.

À flor da pele

Se todas as Estrelas estivessem tão próximas de Nós como o Sol:

Estaríamos fritos!

Nota do Autor

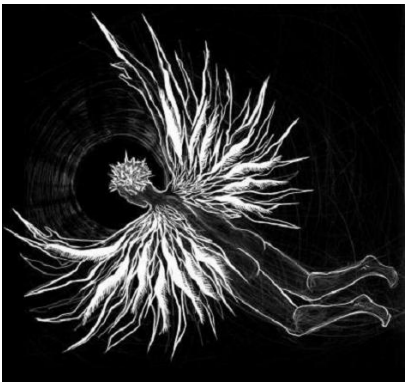
Agradeço ao Charlinho, ao Reverson, ao Viana e ao Guilherme; co-autores do conto Caronas da Sedução, tendo cada um contribuído a sua maneira.

Peço ao Leitor que retorne à Nota no início do livro antes de prosseguir com a leitura desta Nota final.

* * *

Este livro é a prova de que o Sol não consumiu Ícaro sem dó nem piedade.

Ele Vive no Coração de Cada Um de Nós.



Este livro é dedicado aquela que me ensinou a Perseverar nos meus Sonhos, sem Nunca Temer: Ana Laura.

Todo Fim Traz em Si o Gérmen da Vida Nova.

Jorge Xerxes, 08 de Março de 2015

VIDA NOVA

Contato do autor
jorgexerxes@gmail.com

SCOR
Gráfica
TECCI

Impressão e Acabamento:
Gráfica Scortecci
www.graficascortecci.com.br
grafica@graficascortecci.com.br